FACULDADE DO BAIXO PARNAÍBA
CURSO DE PEDAGOGIA

CRISTINA MARIA PEREIRA BASTOS
ESTERFRANCI CARVALHO SILVA FARIAS LIMA
ISAMARA PESSOA ALMEIDA

BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR: uma análise da realidade na escola Unidade Integrada Presidente José Sarney.

Chapadinha
2014

CRISTINA MARIA PEREIRA BASTOS
ESTERFRANCI CARVALHO SILVA FARIAS LIMA
ISAMARA PESSOA ALMEIDA

BULLYNG NO CONTEXTO ESCOLAR: uma análise da realidade na escola Unidade Integrada Presidente José Sarney.

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Faculdade do Baixo Parnaíba para a obtenção do Grau de Licenciadas em Pedagogia.

Orientadora: Profª. Especialista Silvana da Silva Cardoso.

Chapadinha
2014

Bastos, Cristina Maria Pereira.

Bullyng no contexto escolar: uma análise da realidade na Escola Unidade Integrada Presidente José Sarney./ Cristina Maria Pereira Bastos; Esterfranci Carvalho Silva Farias Lima; Isamara Pessoa Almeida.- Chapadinha, 2014.

69 f.

Monografia (Graduação em Pedagogia) – Curso de Pedagogia Faculdade do Baixo Parnaíba, 2014.

1. Fenômeno *bullying* 2 Combate e Prevenção 3. Aprendizagem. I Silva, Esterfranci Carvalho Farias Lima II. Almeida; Isamara Pessoa III.Título.

CDU: 37.015.3(812.1)

CRISTINA MARIA PEREIRA BASTOS
ESTERFRANCI CARVALHO SILVA FARIAS LIMA
ISAMARA PESSOA ALMEIDA

BULLYNG NO CONTEXTO ESCOLAR: uma análise da realidade na escola Unidade Integrada Presidente José Sarney.

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Faculdade do Baixo Parnaíba para a obtenção do Grau de Licenciadas em Pedagogia.

Aprovada em _____/_____/_____.

BANCA EXAMINADORA

_____
Profª. Silvana da Silva Cardoso (Orientadora)
Especialista em Gerência de Recursos Humanos
Faculdade do Baixo Parnaíba (FAP)

_____
1º Examinador

_____
2º Examinador

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus primeiramente pela oportunidade de vencer mais uma etapa da minha vida e permitir concluir meus estudos. À minha família, meus amigos que não permitiram a interrupção deste itinerário, em especial ao meu grupo de estudos pela compreensão, carinho e incentivo aos meus estudos e, consequentemente, à minha vida. Agradeço profundamente à minha amiga irmã Josicléia pelo apoio incondicional de sempre. Sendo que os nossos estudos são experiências importantes para as nossas vidas e que, apesar de tantos obstáculos e aflições, nós os superamos porque o amor que existe em cada um de nós é maior do que tudo. No entanto, esses quatro anos só contribuíram em nossas vidas nos tornando ainda mais humanas e pessoas críticas. Muito obrigada!

Cristina Maria.

Agradeço em primeiro lugar a Deus por ter dado a mim forças e saúde para superar as dificuldades pelas quais passei durante esta caminhada. Agradeço à minha mãe Maria da Luz, minha heroína que sempre me deu apoio, incentivo nas horas difíceis, de desânimo e cansaço. Aos meus filhos Layson e Lara Ellen Amorim que sem eles não chegaria onde estou chegando, pois o amor e a força deles me fazem ir além daquilo que eu mesma poderia um dia imaginar, pois é por eles que estou concluindo este sonho. Aos amigos pelo incentivo, força, amizade, carinho que partilhamos durante nossa caminha, choros e alegrias. Preciso agradecer, em especial, às minhas amigas de grupo de estudos, pois sem elas eu não teria concluído este curso, suas palavras de força e apoio foram fundamentais para que, em momentos de tormenta, eu pudesse me reequilibrar, levantar e seguir em frente. Gostaria de poder citar cada uma delas, mas seria injusta com os outros colegas, por isso, agradeço a todos. De maneira muito especial, agradeço à nossa orientadora Silvana Cardoso que sempre se mostrou parceira nos momentos mais delicados da produção deste trabalho. A você, professora, meu muito obrigada!

Esterfranci.

Agradeço em primeiro lugar a Deus, o meu Senhor, dono de todo o meu viver, por tudo que tem realizado em minha vida. Agradeço à minha família, em especial, à minha mãe Rosa Maria a quem sou grata por tudo, principalmente pela oportunidade de estudo que me concedeu, pela força, dedicação, carinho e compreensão ao longo de quatro anos de muito estudo e stress, sem ela não teria conseguido. Contudo, agradeço a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para que eu alcançasse o meu objetivo e para que esse sonho se tornasse realidade.

Por fim, agradeço à nossa orientadora, a professora Silvana Cardoso, pelo empenho e compromisso para com o nosso trabalho e dizer que a sua exigência enquanto professora e orientadora contribuiu não apenas com o desenvolvimento de nossa pesquisa, mas para o nosso crescimento pessoal e intelectual. Agradeço a todos os professores e demais funcionários que fazem parte da Faculdade do Baixo Parnaíba pela acolhida de anos. Muito obrigada!

Isamara.

“O conhecimento exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer uma ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e reinvenção”.

Paulo Freire.

RESUMO

A presente pesquisa acerca do tema *Bullying* no contexto escolar: análise da realidade na escola Unidade Integrada Presidente José Sarney, teve como objetivo compreender de que forma a escola lida com este problema, bem como com suas consequências no processo de ensino e aprendizagem. A investigação classifica-se quanto à forma de enfoque como quantitativa e qualitativa, quanto aos objetivos, como exploratória e quanto aos meios como bibliográfica e de campo. O estudo fora efetivado com 01 professora da zona urbana atuante no Ensino Fundamental da cidade de Chapadinha-MA por meio da aplicação de questionários, entrevistas e observações com a família de alunos. A entrevista teve por finalidade compreender o fenômeno b*ullying* no âmbito da instituição escolar e seus sérios efeitos na técnica de ensino e de aprendizagem. A pesquisa foi dividida em três etapas em que, inicialmente, deu-se a aplicação de um questionário junto a 01 professor e 01 gestor, em seguida, a 30 alunos. Os questionários abordaram acerca da compreensão dos educadores e alunos sobre o fenômeno *bullying*. Posteriormente, na terceira parte da pesquisa, realizou-se uma entrevista com 06 (seis) famílias. Para análise dos dados foi utilizado o procedimento de análise de conteúdo, proposta por Fante (2010), Silva (2010), Lima e Lucema (2014), dentre outros. Conforme os resultados obtidos, ressalta-se a importância de se promover ações que tenham como prioridade os valores, o respeito ao outro a fim de que se possa ajudar os alunos a terem uma boa convivência uns com os outros e garantir um bom desempenho no processo de aprendizagem.

Palavras-chave: Fenômeno *bullying*. Combate e Prevenção. Aprendizagem.

ABSTRACT

This research on the topic *Bullying* in school context: analysis of reality in school Integrated Unit President José Sarney, aimed at understanding how the school deals with this problem, as well as their consequences in the teaching and learning process. Research ranks on how to approach and quantitative and qualitative, about the objectives, such as exploratory and as to the means as bibliographic and field. The study was effected with 01 active professor of urban elementary school in the city of Chapadinha-MA through questionnaires, interviews and observations of students with family. The interview aimed to understand the phenomenon of *bullying* within the school institution and its serious effects on teaching technique and learning. The research was divided into three stages in which, initially, there was the application of a questionnaire to 01 teachers and 01 manager, then to 30 students. The questionnaire covered about the understanding of educators and students about the *bullying* phenomenon. Later, in the third part of the research, an interview was held with six (06) families. For data analysis the procedure of content analysis was used, proposed by Fante (2010), Silva (2010), and Lucema Lima (2014), among others. According to the results, it emphasizes the importance of promoting actions that have priority values, respect for others so that we can help students to have a good relationship with each other and guarantee a good performance in the process learning.

Keywords: bullying phenomenon. Fighting and Prevention. Learning.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	-	Artigo: Professora é agredida pela uma aluna de 15 anos.....	23
Figura 2		Artigo: Morte na de sala de aula em Cascavel	23
Figura 3	-	Mapa de localização do Município de Chapadinha-MA	39
Gráfico 1	-	Você já sofreu *bullying*?.....	46
Gráfico 2	-	Você já se sentiu excluído?.....	47
Gráfico 3	-	Qual tipo de agressão você já sofreu?.....	47
Gráfico 4	-	Como você reagiria se fosse agredido.....	48
Gráfico 5	-	Você já cometeu algum tipo de agressão?.....	49
Gráfico 6	-	Como é sua relação com sua família?.....	49
Gráfico 7	-	O que a escola significa para você?.....	50
Gráfico 8:	-	O que a escola faz para resolver os casos de violência ocorridos em seu contexto?	51
Gráfico 9	-	A escola valoriza a união e a afetividade entre os alunos?.....	52
Quadro 01	-	Quando o grupo familiar fora questionado sobre seu entendimento acerca do fenômeno *bullying*	52
Gráfico 10	-	Conversa entre família e filhos sobre atos violentos?.....	53
Gráfico 11	-	Qual sua atitude quando descobre que seu filho se envolveu em brigas?.....	54
Gráfico 12	-	Como a família avalia a escola onde os filhos estudam.....	54
Gráfico 13	-	Você já soube de algum ato violento ocorrido na escola onde seu filho estuda?.....	55
Gráfico 14	-	A escola já ofereceu algum tipo de atividade de prevenção a atos violentos?.....	56
Gráfico 15	-	Que atitudes que a escola precisa tomar em casos de violência em seu contexto?.....	56
Gráfico 16	-	Como é o comportamento de seu filho em casa?.....	57
Gráfico 17	-	Como é o comportamento de seu filho na escola?.....	58
Quadro 2	-	Sobre o que a escola representa para as famílias?	58

SUMÁRIO

		p.
1	**INTRODUÇÃO .....**	10
2	**ABORDAGEM HISTÓRICA DO FENÔMENO *BULLYING* .....**	13
3	**CONCEITOS SOBRE O FENÔMENO *BULLYING* .....**	16
3.1	***Bullying* e violência na escola .....**	18
3.2	**Tipos de *bullying* .....**	24
4	**CAUSAS E EFEITOS DO BULLYNGO NA ESCOLA .....**	27
4.1	***Bullying* frente às leis do país .....**	31
4.2	**Contribuição de alguns profissionais no enfrentamento do fenômeno *bullying* .....**	34
5	**DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA .....**	39
5.1	**Contextualizando a área de estudo .....**	39
5.2	***Bullying* no contexto escolar: uma análise da realidade da escola Unidade Integrada Presidente José Sarney .....**	40
5.2.1	Análise do questionário aplicado ao gestor e ao professor	42
5.2.2	Análise do questionário aplicado aos alunos	46
5.2.3	Análise da entrevista aplicada à família	52
6	**CONCLUSÃO .....**	59
	REFERÊNCIAS	61
	APÊNDICES	64

1 INTRODUÇÃO

A busca por investigar o fenômeno *bullying* no contexto escolar surgiu após perceber em estudos feitos durante nossa formação acadêmica que este é um problema e está presente em todas as partes do mundo, principalmente dentro das instituições escolares, entretanto, o que se percebe é que este é um problema que não é discutido e nem tratado como deveria.

De acordo com Silva (2010), no âmbito escolar é comum jovens, adolescentes e crianças trocarem, entre si, alguns xingamentos, apelidarem e perseguir uns aos outros, seja por inveja ou por qualquer outro motivo, no entanto, nos últimos anos essas atitudes podem ser consideradas crime em que os responsáveis por alunos infratores podem vir a ser penalizados por isso.

Desse modo, buscou-se informações relacionadas a um dos temas mais polêmicos e discutidos na atualidade e de seus possíveis efeitos destruidores.

Segundo Silva (2010), o fenômeno *bullying* é um problema conhecido mundialmente e está presente em toda e em qualquer instituição escolar, portanto, é algo comum nos dias de hoje, entretanto, esse fenômeno não é algo novo, pois desde 1970 a Suécia, realiza estudos relacionados ao tema em questão.

Vive-se em uma era de muitos empecilhos no que diz respeito à concretização de uma civilização de paz, visto que a agressão mancha todos os setores sociais, especialmente o espaço escolar. Nesse sentido, é uma provocação para a população entender, intervir e superar as várias causas que desagregam o ser humano. A instituição escolar, enquanto ambiente de socialização, permite, ainda, em seu contexto, relações de domínio, e, por conseguinte, alternativas de interesses.

A agressão escolar é um dos assuntos mais inquietantes na atualidade para os múltiplos indivíduos sociais. O fenômeno *bullying* tem recebido lugar de destaque nas páginas de jornais, pensando, então, acerca desse problema, decidiu-se, assim, tomá-lo como foco de nosso estudo (SILVA, 2010).

Entende-se que estudar o fenômeno *bullying* é um desafio, porém é uma necessidade, pois é importante que se compreenda este problema para que a partir daí se busque possíveis soluções para superá-lo.

Diante da temática em questão surgiram as seguintes indagações: O que

a comunidade escolar entende por *bullying*? De que forma lida com o b*ullying* e suas graves consequências no processo de ensino e de aprendizagem?

É objeto de estudo deste trabalho, compreender o fenômeno *bullying* no contexto escolar e suas graves consequências no processo de ensino e de aprendizagem.

A pesquisa que se explorou foi de cunho bibliográfico, qualitativo e quantitativo. Para isso, utilizou-se como instrumentos a observação, a aplicação de questionários juntos aos sujeitos envolvidos na pesquisa.

Considera-se importante o estudo sobre esse fenômeno porque este gera sérios problemas educacionais desfavorecendo, assim, o aprendizado dos alunos. A escola, por sua vez, deve estimular atitudes de respeito em seu contexto a fim de que venha a contribuir com o desempenho escolar dos alunos.

Para a realização desta pesquisa buscou-se fundamentação teórica em autores como Silva (2010), Fante (2014), Costa (2014), Albino (2014), dentre outros, além do uso de dados obtidos em estudos sobre a matéria em pauta.

Portanto, essa pesquisa visa colaborar para uma melhoria da qualidade social do ensino do município de Chapadinha, pois além de lançar um olhar acerca da realidade vigente nesta cidade, a presente discussão está baseada em algumas compreensões teóricas sobre o *bullying* no contexto escolar.

Para tanto a mesma encontra-se estruturada em 6 capítulos: Sendo assim iniciou-se com introdução onde ressaltou-se sobre o fenômeno *bullying* e suas possíveis consequências no processo de ensino e aprendizagem bem como a forma que esta foi desenvolvida. Assim no segundo capítulo abordou-se uma abordagem do contexto histórico do bulliyng onde se destaca a origem do mesmo, evidenciando as primeiras pesquisas voltadas ao tema em estudo.

Posteriormente apresentou-se no terceiro capitulo os conceitos sobre o *bulliyng* sob o ponto de vista de diferentes autores. Ainda no terceiro capítulo encontra-se uma abordagem sobre a violência na escola destacando que a mesma sempre existiu nas referidas instituições de ensino, assim como os tipos de *bullying* existentes no interior da escola causando dor e angustia de diferentes formas para suas vítimas. O quarto capítulo enfatizou-se as causas e efeitos do *bullying* na escola onde buscou-se estudar as causas e as possíveis consequências e efeitos destruidores que o mesmo causa no processo de ensino e aprendizagem dos sujeitos.

Em seguida o quinto capítulo destacou-se o lócus da pesquisa contextualizando a área de estudo da mesma, assim como a análise de dados e resultados obtidos durante o estudo.

Por fim no sexto capítulo enfatizou-se os resultados relevantes no que refere ao *bullying* e constatou-se ainda que o mesmo é um problema inquietante dentro do contexto escolar, para tanto, é necessário que a sociedade tenha um olhar critico, a fim, de prevenir e combater este grave problema que reflete no comportamento de alguns sujeitos na sociedade contemporâneo.

2 ABORDAGEM HISTÓRICA DO FENÔMENO *BULLYING*

De acordo com Silva (2010), o *bullying* deu-se no início do surgimento da história da humanidade, no entanto, só começou a ser pesquisado na década de 70 na Suécia quando a sociedade civil se mostrou inquieta com tantos ataques entre alunos em instituições escolares. A partir daí, a violência se expandiu também para outros países, sobretudo nos países europeus. Desde então, começou-se a mostrar preocupação com a onda de agressão que vinha acontecendo nesses países.

Para Silva (2010, p.111):

> No final de 1982, um acontecimento dramático começou a reescrever na história do bullying naquele país: três crianças, com idade entre 10 e 14 anos, haviam se suicidado no norte da Noruega. As investigações do caso apontaram, como principal motivação da tragédia, as situações de maus tratos a que tais jovens foram submetidos por seus colegas de escola.

Tais considerações apontam que, na década de 80, o fenômeno *bullying* ganha maiores proporções, pois, o episódio que ocorreu neste período marcou a história desse país. Os estudos acerca desse acontecimento mostraram que o principal motivo dessas violências está relacionado aos casos de perversidade a que estas vítimas sofreram por alunos da escola onde estudavam.

De acordo com Menezes e Branco (2012), as agressões do fenômeno *bullying* são acontecimentos antigos, inclusive as primeiras pesquisas em torno dessa temática surgiram no ano de 1950 nos Estados Unidos, e desde então o problema a cada dia só aumenta, entretanto, mesmo sendo um assunto bastante antigo, no Brasil essa questão passou a ser debatida somente nos anos 90. Nos dias atuais, o *bullying* é compreendido de forma mais global, uma vez que, são vários os motivos nos quais conduz os alunos a agirem com tanta violência.

Fischer (2014) comenta que:

> As pesquisas acadêmicas sobre violência escolar sofreram significativas mudanças nos últimos anos. Na década de 1980, o tema da violência na escola era abordado pelos pesquisadores a partir de manifestações relativas à segurança pública: atos juvenis de depredações e pichações serviam de objeto para a reflexão sobre a violência. A partir da década de 1990, as relações interpessoais passaram a tornar-se centrais no fenômeno violento.

Constatou-se que os estudos sobre as agressões no contexto escolar sofreram modificações expressivas nas últimas décadas, considerando que, no início dos anos 90, as discussões relacionadas ao assunto em questão voltaram à tona.

Na concepção de Fischer (2014, grifo do autor):

> É também na década de 1990 que um novo conceito passa a ser considerado no campo de estudos sobre a violência entre pares: o bullying. Para fins deste estudo, o bullying é definido como atitudes agressivas de todas as formas, praticadas intencional e repetidamente, que ocorrem sem motivação evidente, são adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s) causando dor e angústia, e são executadas dentro de uma relação desigual de poder. Portanto, os atos repetidos entre iguais (estudantes) e o desequilíbrio de poder são as características essenciais que tornam possível a intimidação da vítima.

Assim, nos anos 90, surge uma nova concepção acerca das agressões entre as pessoas. O *bullying* é caraterizado como modos violentos de todas as maneiras cometidas propositalmente e frequentemente que acontece sem que a vítima tenha feito algo que motive o agressor a agir assim, são praticados por alunos provocando aflição naqueles que se vêm desprotegidos.

De acordo com Silva (2010) a partir desse momento houve uma preocupação por parte das autoridades em combater o *bullying* escolar, inclusive neste mesmo período se iniciaram campanhas e pesquisas a fim de exterminar esse grave problema que hoje, infelizmente, assola todas as partes do mundo. Entretanto, vale ressaltar que, segundo Silva (2010), os primeiros estudos acerca do *bullying* surgiram na Noruega pelo estudioso Dan Olweus.

Conforme Menegotto, Pasini e Levandowski (2014), precisamente na década de 90, começou-se a discutir no país o tema em questão, entretanto, só depois de alguns anos o assunto passou a ser pesquisado por estudiosos. Mesmo o *bullying* sendo um assunto novo no Brasil esta é uma discussão bastante antiga em outros países e séria, uma vez que esse fenômeno gera sérias consequências. No Brasil, os estudos voltados ao assunto em questão são discutidos pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (Abrapia) a partir de 2001, ainda de maneira simples, no entanto, teve destaque. Segundo Fischer (2014),

> Na década de 2000 o fenômeno do bullying ganhou projeção na mídia nacional e internacional, sendo largamente difundido nos meios digitais, com a criação de inúmeros sites na internet sobre a temática – a palavra bullying retorna no buscador Google cerca de 12 milhões de páginas, sendo que apenas 2,5% delas são de sites em língua portuguesa. No Brasil o fenômeno é objeto de poucos estudos e, apenas recentemente, uma pesquisa nacional promovida pelo Ministério da Educação abordou o tema, ainda que de forma indireta.

Nessa abordagem, no ano de 2000 o *bullying* ganhou importância nos meios de comunicação no mundo inteiro. Através da internet este fenômeno é

expandido amplamente. No Brasil o *bullying* é um elemento pouco pesquisado, embora o Ministério de Educação e Cultura - MEC tenha discutido o assunto, porém, com pouca intensidade.

Segundo Silva (2010), a Abrapia durante o ano de 2002 e 2003 desenvolveu alguns estudos com alunos do ensino fundamental maior em 11 instituições públicas e privadas no estado do Rio de Janeiro. O resultado da pesquisa assinalou elementos muito expressivos constatando-se, assim, alguns casos de *bullying* também em nosso país. A partir daí, percebe-se que o quadro desse problema só aumenta e, consequentemente, contribui para a ocorrência de grandes tragédias, uma vez que foram comprovadas sérias agressões dentro do contexto escolar decorrentes desse grande transtorno que é o *bullying.*

Ainda nessa mesma linha de pensamento, Silva (2010, p.113, grifo do aturo) afirma que:

> Dos 5.482 alunos participantes, 40,5% (2.217) admitiram ter tido algum tipo de envolvimento direto na prática do bullying, seja como alvo (vítima), seja como autor (agressor). Houve um pequeno predomínio do sexo masculino (50,5%) sobre o sexo feminino (49, 5%) na participação ativa das condutas de bullying. As agressões ocorrem principalmente na própria sala de aula (60,2%), durante o recreio (16,1%) e no portão das escolas (15,9%). Em torno de 50% dos alvos (vítimas) admitem que não relataram o fato aos professores, tampouco aos pais.

Conforme os dados estatísticos citados pelo autor é bastante elevado o número de casos constatados de agressões com o envolvimento entre alunos. Vale ressaltar que, entre os envolvidos, o número de vítimas, na maioria dos casos, são meninos, embora tanto os alunos do sexo masculino e feminino se envolvam em agressões, e o que é pior, acontece dentro da própria instituição escolar, inclusive dentro do contexto da sala de aula.

Para Silva (2010) os estudos feitos em várias partes do mundo acerca do *bullying* mostram que o problema a cada dia só tem se agravado, assim de 5% a 35% dos alunos estão envolvidos em comportamentos hostis dentro do ambiente escolar. Nesse sentido, pretende-se fazer, a seguir, uma breve abordagem sobre os conceitos do fenômeno *bullying* sob o ponto de vista de diferentes autores.

3 CONCEITOS SOBRE O FENÔMENO *BULLYING*

De acordo com Silva (2010), *bullying* é uma palavra de origem inglesa, mais precisamente derivada do verbo bully (termo utilizado para designar uma pessoa como: implicante, violenta, agressiva etc.). Também pode ser caracterizada como: brincadeiras de mal gosto, gozações, discriminações, xingamentos, humilhações, enfim, uma série de atitudes grosseiras e desumanas que fazem um mal inigualável para a vida de suas vítimas.

Ainda segundo a referida autora, o *bullying* é um fenômeno mundialmente conhecido e caracteriza-se por uma série de atitudes grosseiras, agressivas e de mal gosto de uma pessoa sobre outra, em outras palavras, é quando alguém persegue, humilha, xinga e discrimina alguém constantemente. No caso da escola, alguns alunos, por diversos motivos, se julgam superiores a outros indivíduos deixando visível o prazer em maltratá-los desencadeando, assim, um comportamento agressivo entre alunos. Tratando do conceito sobre *bullying*, Fante (2014) afirma:

> O bullying é uma forma de violência que ocorre na relação entre pares, sendo sua incidência maior entre os estudantes, no espaço escolar. É caracterizado pela intencionalidade e continuidade das ações agressivas contra a mesma vítima, sem motivos evidentes, resultando danos e sofrimentos e dentro de uma relação desigual de poder, o que possibilita a vitimação.

Contudo, o *bullying* é uma ação agressiva que acontece na relação entre as pessoas, sendo um ato comum no ambiente escolar. É marcado pela sequência de atos violentos contra a mesma pessoa sem que a vítima tenha feito algo perceptível ao agressor causando, assim, prejuízos e aflições, uma vez que as vítimas se tornam indefesas diante do poder do agressor.

Ressalta-se, ainda, as ideias de Fante (2014) no que diz respeito à compreensão acerca do *bullying*:

> É uma forma de violência gratuita em que a vítima é exposta repetidamente a uma série de abusos por meio de constrangimento, ameaça, intimidação, ridicularizarão, calúnia, difamação, discriminação, exclusão, dentre outras formas, com o intuito de humilhar, menosprezar, inferiorizar, dominar. Pode ocorrer em diversos espaços da escola ou fora dela, como também em ambientes virtuais, denominado bullying virtual ou cyberbullying, onde os recursos da tecnologia de informação e comunicação são utilizados no assédio.

O *bullying* configura-se em um ato de agressão sem motivo em que a

vítima, por diversas vezes, é exposta a situações constrangedoras, vive sob a ameaça do agressor com a intenção de humilhá-la e de fazê-la sofrer. No entanto, é um ato que ocorre não exclusivamente no contexto escolar, acontece também em outros contextos, como por exemplo, no uso da internet.

De acordo com Lima e Lucema (2014) “Os riscos da Internet dizem respeito às situações de tamanha complexidade que exigem espaço em políticas intersetoriais que permitam estratégias articuladas entre educação, saúde, assistência, cultura, lazer e justiça”.

Nesse sentido, a internet quando usada pelos agressores do *bullying* representa uma arma perigosa contra suas vítimas causando, assim, sérias consequências, uma vez que o agressor do *bullying* utiliza esse meio tecnológico intencionalmente para difamar e humilhar as pessoas. Portanto, essa questão dos riscos da internet precisa ser discutida a fim de que sejam criadas políticas de intervenção que garantam às vítimas do *bullying* seus direitos respeitados enquanto cidadãos. É importante ressaltar, ainda, Fante (2014) quando diz que:

> O bullying tem como marca constitutiva o desrespeito, a intolerância e o preconceito - que impregna as relações humanas em todas as sociedades -, contra alguma característica que destaca ou diferencia a vítima dos demais. Há, ainda, que se considerar o desequilíbrio de poder entre as partes, cujo diferencial está ao nível dos jovens, podendo ser percebido em relação à diferença entre forças físicas, emocionais ou sociais.

Desse modo, o *bullying* tem como sinal característico a falta de respeito às diferenças do outro causando, dessa forma, um desequilíbrio entre os envolvidos. Este, por sua vez, possibilita aos autores uma espécie de domínio sobre aquelas pessoas mais sensíveis causando-lhes transtornos e sofrimentos.

Essa ideia é corroborada com Albino (2014, grifo do autor) quando esta diz que:

> Os agressores, por exemplo, são comumente caracterizados como “fisicamente mais fortes que seus pares, dominantes, impulsivos, não seguem regras, baixa tolerância à frustração, desafiantes à autoridade, boa autoestima”, etc. As vítimas, por seu turno, seriam “inseguras, sensíveis, pouco assertivas, fisicamente mais débeis, com poucas habilidades sociais e com poucos amigos. Em geral, bons alunos”. Finalmente, haveria as testemunhas, aquelas que assistem ao drama silenciosamente, com medo de serem as próximas vítimas.

Compreende-se que os agressores do *bullying* são vistos normalmente como pessoas mais fortes fisicamente que suas vítimas, talvez por essa razão suas vítimas se sintam frágeis e isso causa medo às pessoas que presenciam as cenas de agressões, temendo acontecer o mesmo com elas.

Sobre o fenômeno em estudo, Albino (2014) nos diz que “o *bullying* costuma provocar um ciclo perverso no qual muitas vítimas em uma dada situação acabam se tornando os agressores de novos sujeitos em outras oportunidades, gerando uma progressão crescente da violência”.

Desse modo, o *bullying* habitua gerar uma sucessão de violências em que vários alvos, num determinado momento, terminam virando também autores de outras pessoas em outras situações causando, assim, um aumento da brutalidade entre pares. Sobre a identificação do fenômeno *bullying*, Fante (2014) destaca que: “Identificar uma ação como *bullying* não é tão simples. Por isso, é imprescindível que os diversos profissionais tenham pleno entendimento para que encaminhamentos, atendimentos e procedimentos não sejam equivocados”.

Em síntese, apontar um ato como *bullying* não é tarefa fácil, portanto, é fundamental que os diferentes profissionais se aprofundem no assunto com o intuito de compreendê-lo melhor para não tomar decisões precipitadas e errôneas. Esse alerta se direciona especialmente para as escolas, uma vez que, segundo a autora, o contexto escolar é um espaço em que este fenômeno se faz presente com mais frequência.

3.1 *Bullying* e violência na escola

Segundo Fante (2014, grifo do autora), é obvio que as instituições escolares não são “ilhas de paz”. Confusões ocorrem de maneira natural nas relações entre as pessoas, entretanto, quando mal solucionadas, geram problemas mais graves como agressões. É banal que as confusões sejam originadas por desacordo de opiniões dentro do contexto escolar ocasionando até em agressão física e moral. Para Ramos (2014, grifo do autor), percebe-se que:

> O bullying sempre esteve presente, nas salas de aulas, nos pátios, nas quadras esportivas. Com menor intensidade do que nos nossos dias, e certamente, com menor destaque na mídia, mas sempre houve situações nas quais alguns alunos de repente passam a perseguir e literalmente torturar, psicológica e fisicamente, aqueles que, por eles, são considerados “inferiores”, ou simplesmente mais frágeis.

Percebe-se que o fenômeno *bullying* sempre existiu no contexto escolar, embora nos dias atuais ele seja mais frequente e intenso, sempre ocorreram situações de agressões nas escolas afetando, assim, pessoas indefesas, onde o

agressor atormenta sem piedade suas vítimas. Segundo Souza e Almeida (2014, grifo do autor):

> Durante muito tempo, comportamentos como o de apelidar e/ou “zoar” de alguém podem ter sido vistos como inofensivos ou naturais da infância e da relação entre as crianças e adolescentes na escola. Porém, esse tipo de conduta passou a ser seriamente considerada em decorrência de situações dramáticas que têm ocorrido em diversas partes do mundo envolvendo jovens que invadem escolas e matam pessoas e/ou cometem suicídio.

Constata-se que, durante anos, a conduta de provocação como a de apelidar era considerada normal, entretanto esse procedimento passou a ser questionado devido à ocorrência de vários casos de agressões e mortes envolvendo crianças e jovens do mundo dos sistemas escolares. Assim acrescenta Silva (2010, p.116):

> As vítimas se tornam reféns do jogo do poder instituído pelos líderes dos agressores. Raramente elas pedem ajuda às autoridades escolares ou aos pais. Agem assim, dominadas pela falsa crença de que essa postura é capaz de evitar possíveis retaliações dos agressores e por acreditarem que, ao sofrerem sozinhos e calados, pouparão os pais da decepção de ter um filho frágil, covarde e não popular na escola.

Em resumo, as vítimas do *bullying*, além de se sentirem indefesas, não têm coragem de pedirem auxílio a outras pessoas tornando, assim, o problema mais sério. Dessa forma, elas se fecham em seu próprio mundo a fim de que ninguém mais saiba o que está se passando com ela, por medo de se sentir ainda pior caso alguém saiba e não lhe ajude. Dessa forma, evidencia-se o grande sofrimento pelos quais essas crianças dominadas passam nas mãos dos agressores fazendo com que haja uma reflexão acerca desse problema. Como afirma Ramos (2014):

> O fenômeno bullying é uma realidade inegável nas escolas brasileiras independentemente de turno de estudo, localização da escola, tamanho da escola ou da cidade onde ela se localiza ou se são séries finais ou iniciais ou ainda se a escola é pública ou privada.

Nesse sentido, o *bullying* é um problema que acontece em várias escolas do país, em qualquer horário, em qualquer instituição, pública ou particular, na zona urbana ou zona rural assim como também nos diferentes níveis ou modalidades de ensino. No posicionamento de Chaves, Carvalho e Cunha (2014) “A violência escolar é um fenômeno social complexo que envolve toda a sociedade. Com diferentes causas, os atos violentos encontram-se na Educação Infantil até o Ensino Médio, nas escolas públicas e privadas de todo o mundo”.

Desse modo, as agressões que ocorrem no contexto escolar são fatos que perturbam todas as pessoas, independente das razões, as ações agressivas

acontecem em todos os níveis e modalidades de ensino, em diferentes contextos escolares e em todas as partes do mundo.

De acordo com os autores citados anteriormente, a instituição escolar, por ter uma clientela bastante diversificada e que se relaciona entre si, mostra as mais variadas formas de violência em seu contexto superando, dessa forma, as discussões educativas passando a adotar o “status de questão social”. Segundo Costa (2014):

> A violência nas escolas é um fenômeno que produz marcas e contribui para rupturas acerca das concepções da educação escolar como lugar de socialização, de aquisição e construção de conhecimentos, de formação do cidadão e de veículo por excelência do exercício e da aprendizagem, da ética e da comunicação dialógica. Trata-se de um fenômeno antigo em todo o mundo e que configura um problema social podendo ocorrer, conforme já classificado pela ciência e adotado pelo senso comum, como indisciplina, delinquência, problemas de relação professor-aluno ou mesmo aluno-aluno, entre outros.

Nesse sentido, as brigas e agressões que ocorrem no contexto escolar comprometem a visão que temos da escola enquanto formadora de sujeitos, enquanto espaço de construção de saberes. Entende-se que a violência já se encontra no contexto escolar há algum tempo e se constitui como uma desordem do ambiente escolar, uma vez que, esses conflitos influenciam na relação entre educador e educando.

Para Chaves, Carvalho e Cunha (2014), as agressões escolares envolvem várias demonstrações de condutas violentas, entre elas, confusões desordenadas causando prejuízos dentro e fora da escola, atuações delinquentes.

Conforme Silva (2010), lamentavelmente, existem muitos educadores também vítimas do *bullying*. Muitos são chantageados por alunos. Uma parte desses professores não sabe o que fazer diante desse problema que acontece no local onde trabalham. Quando eles passam por essa situação receiam procurar a administração escolar por medo de serem mal entendidos ou taxados de incompetentes na relação com os alunos. Por outro lado, se decidem agir diretamente com os alunos, temem, ainda, serem mais humilhados perante seus autores, o que é comum. Além do mais, ao convidarem a família, ou responsável, para uma conversa na escola, eles raramente aparecem, sem contar que, alguns familiares, infelizmente, apoiam o que os alunos dizem e fazem. Os professores passam por momentos horríveis nas mãos dos agressores e até adoecem de tantas pressões. De acordo com Costa (2014):

> As práticas de violência nas escolas devem ser compreendidas por meio da análise social, das formas de organização e das forças objetivas da sociedade, e de como tais forças se materializam e se calcificam nos sujeitos que se desenvolvem neste meio. Estudar a violência requer também este impulso crítico, tanto nas análises teóricas quanto na interpretação dos dados, de modo a mostrar suas múltiplas tensões e questionar o sentido social dos fenômenos singulares encontrados.

Desse modo, os casos de agressões que ocorrem no ambiente escolar precisam ser entendidos através de um estudo da maneira como está organizada a sociedade considerando que a violência na escola está diretamente ligada a ela, ou seja, entender a questão desse problema que atormenta a todos demanda uma visão crítica acerca do que acontece nos diferentes contextos sociais.

Apresenta-se, ainda, neste capítulo, alguns depoimentos extraídos de artigos científicos publicados sobre envolvidos com o fenômeno *bullying* dentro do ambiente escolar que vêm corroborar significativamente com o que já fora expresso até este ponto.

Depoimento 1:[1]

> No blog Observatório da Criminologia, encontramos o seguinte depoimento: Meu nome é Daniele Vuoto, uma gaúcha de 22 anos. Vim aqui contar um pouco da minha vida escolar para vocês. Desde a pré-escola, quando via alguma coleguinha sendo motivo de risada, eu ia lá e a defendia. Não achava certo! Com o tempo, isso se virou contra mim: por virar amiga das vítimas, passei a ser uma. As desculpas utilizadas na época eram coisas banais: por eu ser muito branca, muito loira, as notas altas, e mais tarde minha tendinite virou motivo de piada também. [...] com 14 anos resolvi mudar de escola. Achava que a mudança seria um recomeço, e não sofreria mais. Isso foi um grande engano. Aquela escola foi um pesadelo: lá, eu era vista como assombração, as pessoas me tratavam como se fosse uma aberração. Berravam quando me viam, me empurravam, davam muitas risadas, roubavam coisas, e o pior: alguns professores apoiavam as atitudes dos meus colegas. Troquei de escola no meio daquele ano. [...] No ano seguinte fui para outra escola: a última escola que estudei. Lá, fiz como sempre: via quem estava sozinho e fazia amizade. Mais do que nunca, eu era tida como a diferente. [...] Mas consegui fazer duas amigas, e no ano seguinte fiz amizade com mais duas meninas. Logo, uma delas começou a dizer o quanto as outras falavam mal de mim. Aquilo foi me incomodando muito, pois já era humilhada todos os dias. [...] Com isso, me deprimi mais ainda. Ia caminhando até a escola e parei de olhar ao atravessar a rua. Para mim, morrer seria lucro. Estava novamente sozinha numa escola enorme, tentando me refugiar na biblioteca, e até lá sendo perseguida. Passei a comer menos, a me cortar e ver tudo como uma possível arma para acabar meu sofrimento. Nas férias de inverno, me fechei mais ainda, não poderia voltar para escola nenhuma. Via meus pais feito loucos procurando uma escola nova, e eu piorava mais ainda por isso. Foi ai que pedi para ir numa psicóloga e ela contou aos meus pais que, naquele estado, eu não teria condições de enfrentar uma nova escola. Comecei um

[1]Depoimento 1 – extraído do artigo de Gomes (2014).

> tratamento com ela, e em seguida, com um psiquiatra. [...] Hoje tenho 22 anos, [...] Não tomo mais remédios, nem faço tratamentos. A maior lição que tirei do que aconteceu é que não podemos acreditar em tudo que dizem de nós, e sim acreditar que as coisas podem mudar e lutar pra isso! Afinal, enquanto estamos vivos, ainda temos chance de mudar a nossa história.
> O bullying faz muitas vítimas. Em 2005, logo após receber alta do tratamento a que tinha se submetido por ter sido vítima de bullying, Daniele criou um blog para divulgar o tema no Brasil. Hoje, ela não atualiza mais seu blog, mas, além de colaborar com a divulgação do assunto, deixou para todos nós um excelente exemplo de superação.

Depoimento 2:[2]

> Influenciado por meus familiares que pretendiam me colocar em uma escola de renome na cidade, estudei no Colégio “A”2 a sexta, a sétima e a oitava série. Como sempre fui um aluno adiantado, esse período correspondeu aos meus onze, doze e treze anos. Eu era bastante diferente das crianças que frequentavam essa escola, tendo em vista que nessa época eu andava de skate: os meus amigos eram aqueles que moravam perto da minha casa e que também andavam de skate. De forma que eu usava roupas diferentes, escutava músicas diferentes e não me identificava com as pessoas que nós, do meu grupo, chamávamos de “playboys”. Assim, eu não formei um grupo de amigos nessa escola, sendo apenas colega de duas pessoas que estudavam na mesma sala que eu. Essas diferenças prejudicaram o meu desenvolvimento social nessa escola: passei a ser perseguido por causa dessas diferenças, sendo alvo de apelidos vexatórios e excluído dos grupos de alunos. O cume da perseguição que eu sofria nessa escola foi quando eu me revoltei contra essa situação e respondi aos insultos que me eram dirigidos. Infelizmente, a resposta veio na forma de uma agressão física. Como eu era um ano mais novo que todos ali e consequentemente mais fraco, levei um chute no alto do estômago que me tirou o fôlego. Depois desse dia, tive uma conversa com meus pais e mudei de escola. Comecei também a fazer atividades físicas e mudei de esporte, passando do skate para a prática de artes marciais.

Depoimento 3:[3]

> Desde pequena, sou tratada de maneira diferente pelos meus colegas de classe. Nunca entendi bem o porquê. Nada do que eu falava era certo, era bom o suficiente. Somente se juntavam ao meu redor para conseguir ajuda nas matérias, pois sempre fui inteligente. Mas estavam sempre lá, as palavras duras, as criticas. Isso durou toda minha vida escolar, atingindo seus pontos críticos na 4ª série e no 3º ano do ensino médio, me obrigando a mudar de turma. Foi sempre a melhor coisa que eu fiz, mas às vezes gostaria de ter enfrentado meus “colegas”, mas nunca achei que um confronto direto fosse a solução. Fora que, para enfrentar gente maldosa, você precisa de um pouco de malícia, de língua ferina, algo que eu nunca tive. Aliás, acho que por ser boazinha demais, era mais uma coisa que usavam contra mim. Algo que sempre me irritou muito foi a falta de atitude dos coordenadores da escola em relação a isso: eles nunca faziam nada a respeito! Teve uma vez que eu consegui provas dessas agressões, levei às “autoridades” e o máximo que fizeram foi falar com eles, o que só piorou suas atitudes contra mim! Agrediam-me verbalmente, com sons e xingamentos, às vezes na frente dos “responsáveis”, e eles nada faziam contra esse bullies. Só me restava aguentar calada tudo aquilo. Mas nunca quis me mudar pelos outros: sempre fui eu mesma. Orgulho-me disso, pois era só o que me faltava, mudar meu jeito de ser, só para agradar quem não

[2]Depoimento 2 - Retirado do artigo de: Lima e Lucema (2014).
[3]Depoimento 3 – Removido Do Artigo De: Lima e Lucema (2014).

gostava de mim! Mas agora, na faculdade, é tudo muito melhor. Só me resta cuidar para que meus filhos não sejam nem vítimas, nem cometam o bullying.

Depoimento 4:[4]

Estudei durante dois anos em uma escola particular de grande fama aqui em Natal, e, durante este período, inocentemente contei a uma colega de sala que eu havia sido adotada pelos meus pais quando tinha apenas 6 meses de idade. Esta, nem um pouco inocente aos 10 anos de idade, fez questão de contar para toda a escola o que tinha ouvido de mim. A partir daí começaram os meus problemas. Todos me excluíam de seu ciclo de amizades e faziam piadinhas maldosas, como dizer que eu tinha sido jogada no lixo porque ninguém me queria, ou que minha mãe biológica era prostituta e eu devia ser cheia de doenças. Sempre coisas do tipo. Mas a gota d'água foi quando um aluno se chateou comigo pela simples razão de eu ser uma "filha de lavadeira", como ele mesmo disse, e que eu não era digna de estudar com eles. Esse mesmo aluno me deu um soco no nariz, conseguindo quebrá-lo. A escola simplesmente deu água para ele se acalmar e me fez trocar a camisa ensanguentada para que ninguém em minha casa fosse capaz de ver o que tinha acontecido comigo. O aluno, por ser filho de um deputado, não recebeu sequer uma suspensão.

Figura 1.



Professora agredida por aluna de 15 anos

Folhapress

São Paulo - Uma professora de 25 anos sofreu traumatismo craniano ao ser agredida por uma aluna de 15 anos, segunda-feira, na Escola Estadual Bahia, em Porto Alegre. Ontem à tarde, ela permanecia internada e não corria risco de morrer, segundo o hospital.

De acordo com o delegado Christian Nedel, titular da 1ªDelegacia da Criança e do Adolescente de Porto Alegre, a professora da 4ªsérie do Ensino Fundamental Gláucia Souza da Silva recebeu chutes e socos de uma adolescente – aluna da 9ªsérie – após uma repreensão dada à adolescente.

O delegado ainda afirmou que a professora foi jogada no chão e ficou inconsciente por alguns minutos. Ela foi socorrida e encaminhada ao hospital, onde foi detectado que ela sofreu traumatismo craniano devido à queda.

Nedel afirmou que a polícia foi chamada pela escola e a adolescente foi apreendida e encaminhada à 1ªDelegacia da Criança e do Adolescente. Durante depoimento, ela permaneceu calada, ao lado de um defensor público, mas, informalmente, afirmou que agrediu a professora após ter sido insultada por ela, afirmou o delegado.

A diretora, a vice-diretora e duas professoras da escola também prestaram depoimento à polícia. Segundo o delegado, a adolescente foi autuada pelo crime de lesão corporal e não está descartada a hipótese de que ela responda por tentativa de homicídio.

Fonte: Extraída do artigo de: Idalgo (2014).

Figura 2.



FOLHA DE LONDRINA, sábado, 3 de outubro de 2009 — FOLHA Cidades 3

Morte na sala de aula em Cascavel

Garota de 14 anos morta com tiro na cabeça dentro de escola será enterrada hoje; autor do disparo, de 16 anos, foi apreendido

Mariana Guerin e Luciano Augusto
Reportagem Local

Cascavel – Estudante da oitava série do ensino fundamental do Colégio Estadual Santos Dumont, no Centro de Cascavel (Oeste), Daniele Moreira de Assis, de 14 anos, foi morta, na manhã de ontem, por um tiro na cabeça, em plena sala de aula. Secretária da escola, Marisiei Steinbach contou que o tiro teria sido acidental ou involuntário e partido da arma de um colega de sala, de 16 anos. As aulas foram suspensas e só serão retomadas na próxima semana.

Marisiei relatou que o garoto havia se matriculado há poucos dias na escola, transferido de outro colégio. "Dizem que ele estava sendo ameaçado pelo mesmo rapaz que matou o irmão dele e que andava armado para se defender", declarou a secretária.

Ela afirmou ter sido avisada pelos alunos da sala. "Teve quem pensasse que era brincadeira, até que viram que o tiro atingiu a menina."

Alunos teriam relatado à secretária que o garoto aparentava nervosismo enquanto segurava a arma, que teria disparado acidental ou involuntariamente e atingido a nuca de Daniele. "O tiro perfurou a cabeça dela, acertando depois a lousa", completou Marisiei.

Após o disparo, o garoto fugiu com a arma. Segundo a secretária, ele teria enterrado o revólver, que foi descoberto por outros alunos, que teriam escondido a arma em outro local antes de avisar às mães, que acionaram a polícia.

Bala atingiu o dedo do menino antes de acertar a vítima

Peritos do Instituto de Criminalística examinaram a sala e o laudo preliminar da necrópsia aponta que o tiro atingiu a parte frontal esquerda da cabeça da menina e saiu pelo lado direito. O perito Darci Dória de Faria adiantou que já foi descartada a hipótese de a arma ter caído no chão. "Pelo ângulo de tiro, ou a estudante estava de pé ou sentada numa posição mais alta do que a altura da arma", revelou. A perícia ainda precisa analisar a arma do crime: um revólver calibre 38.

No início da tarde, o estudante envolvido no crime foi apreendido. O delegado de Homicídios, Ademari da Cruz Braga Júnior, disse que o adolescente alegou que a arma disparou quando ele tentava pegar uma caneta dentro da mochila. "O tiro, inclusive, atingiu o dedo dele antes de acertar a estudante, que estava em pé à sua frente", detalhou.

O adolescente foi encaminhado ao Centro de Socioeducação (Cense) e será encaminhado ao Ministério Público que irá determinar a medida socioeducativa que ele deverá cumprir.

Em nota oficial, a secretaria de Estado da Educação lamentou o "incidente" e informou que o Núcleo Regional de Educação de Cascavel irá dar apoio aos professores e funcionários da escola e também aos estudantes e comunidade escolar. A sala onde ocorreu o crime será desativada temporariamente e os alunos serão realocados para outro local. O corpo de Daniele será sepultado hoje à tarde, no Cemitério Jd. da Saudade.

Colégio Santos Dumont, no centro da cidade; adolescente andava armado porque estaria sendo ameaçado

Sala onde ocorreu o crime será desativada temporariamente

Jovem é executado com 15 tiros

Mariana Guerin
Reportagem Local

Acerto de contas terminou em tragédia na noite de anteontem, na Zona Norte de Londrina. Hugo Pereira da Silva, de 20 anos, foi morto na Rua Idália Maria Barbosa Soares, no Jardim Palma, por pelo menos 15 tiros de pistola 9 milímetros. Ele foi a 89ª vítima de homicídio na cidade neste ano.

Conforme os policiais militares, quatro homens teriam chegado ao endereço em duas motos e dois deles teriam efetuado os disparos contra a vítima, que teve todo o corpo perfurado. No corpo da vítima foram contabilizados 27 perfurações, sendo 17 de entrada e dez de saída.

O delegado de Homicídios, Paulo Henrique Costa, informou que Silva já tinha antecedentes de quando ainda era adolescente (roubo, sequestro e homicídio) e vinha sendo ameaçado de morte. Há cerca de duas semanas teria escapado de uma primeira tentativa de homicídio. "É quase certo que trata-se de um acerto de contas", destacou, apontando que já tinha informações sobre os dois suspeitos de envolvimento no crime.

Fonte: Extraída do artigo de: Idalgo (2014).

[4]Depoimento 4 – Lima e Lucema (2014).

Os casos apresentados revelam a presença do *bullying* em várias partes do nosso país e o pior é que alguns casos são ainda mais preocupantes, casos em que os autores da violência humilham suas vítimas até elas cometerem suicídio, embora se perceba que a agressão verbal também deixa marcas profundas e eternas.

Diante dos casos expostos, o fenômeno *bullying* interfere na aprendizagem do aluno e igualmente nas práticas pedagógicas dos professores que, apesar de estar à frente da turma, não impedem alguns alunos de agirem com falta de respeito para com os educadores.

O entendimento que se tem é que, o motivo de ser diferente, incomoda algumas pessoas, resultando até em vítimas fatais. Os casos mostram os malefícios causados pelo *bullying*, uma vez que o nível de agressão dos autores desse fenômeno não tem tamanho.

No próximo tópico serão abordados os tipos de *bullying* com o intuito de levar a uma melhor compreensão as diferentes formas nas quais os agressores intimidam suas vítimas.

3.2 Tipos de *bullying*

Segundo Silva (2010), alguns tipos de *bullying* podem se caracterizar em atuações *diretas e indiretas*, entretanto, raramente o alvo recebe somente um tipo de agressão. Normalmente as atitudes de desrespeitos se apresentam em bando. Esse comportamento influencia não apenas para o afastamento social do alvo, como também para a evasão do contexto escolar e pode se apresentar das mais diversas maneiras como: *verbal, físico e material, psicológico e moral, sexual e virtual.*

De acordo com Martins (apud SOUZA; ALMEIDA, 2011), apoiado em estudos de diversos autores, caracteriza os comportamentos de *bullying* em três tipos: direto e físico; direto e verbal; e indireto.

> Direto e físico: inclui bater ou ameaçar fazê-lo; dar pontapés, roubar ou estragar objetos que pertençam aos colegas, extorquir dinheiro ou ameaçar fazê-lo, forçar comportamentos sexuais ou ameaçar fazê-lo, obrigar ou ameaçar os colegas a realizar tarefas servis contra a sua vontade; (MARTINS, apud SOUZA; ALMEIDA, 2014).

Observa-se que, o comportamento de *bullying* direto e físico, se refere aquele em que o agressor, além de bater em suas vítimas seriamente, ainda rouba e

obriga a praticar tarefas mesmo quando esta não quer chegando até estuprá-las. Enquanto que o comportamento “Direto e verbal: engloba insultar, por calúnias desagradáveis, fazer gozações, fazer comentários racistas, salientar qualquer característica ou deficiência de um colega de forma negativa”. (MARTINS, apud SOUZA; ALMEIDA, 2014).

Neste caso, especificamente do comportamento de *bullying* direto e verbal, se refere às expressões verbais em que o agressor costuma, sem respeito, ofender suas vítimas, incansavelmente, com palavras discriminatórias.

> Indireto: se refere a situações como excluir alguém sistematicamente do grupo de pares, ameaçar com frequência a perda da amizade ou a exclusão do grupo como forma de obter algo do outro ou como retaliação de uma suposta ofensa prévia, espalhar boatos sobre os atributos e/ou condutas de alguém com vista a destruir a sua reputação, em suma, manipular a vida social dos pares. (MARTINS apud SOUZA; ALMEIDA, 2014).

Este tipo de comportamento se refere àquelas situações em que o agressor ignora a presença da vítima, como se ela não existisse, isto é, exclui totalmente e ainda faz chantagens diretas ameaçando de perder tal amizade, comete difamação e faz pressão psicológica.

Conforme Fante (apud SOUZA e ALMEIDA, 2014), existem diferentes funções desempenhadas pelas vítimas de *bullying*, na qual destaca: **Vítima típica:** é aquela em que a vítima de agressão serve apenas para expiar fatos e contar para o agressor. O agredido não disponibiliza de condições necessárias para acabar com esse tipo de agressão. A **Vítima provocadora:** é aquela que insulta pessoas sem motivos. A **Vítima agressora:** é aquela que expressa comportamentos agressivos decorrentes de agressões que ela também sofreu reproduzindo, assim, tais agressões. O **Agressor:** é aquele que se ver melhor do que todo mundo. O **Espectador:** é o aluno que observa as cenas de *bullying*, porém não se comove nem um pouco com o que ver adotando, assim, o silêncio. E Calhau (apud SOUZA; ALMEIDA, 2014) inclui a esses tipos acima citado o perfil do **Novato:** este se refere àquele aluno calouro, vindo de outra instituição, que se sente excluído na nova escola, sem contar que ainda existem os que Fante (apud SOUZA; ALMEIDA, 2014, grifo do autor) chama de **Co-agressores**, que mesmo não participando diretamente das agressões fica assistindo, a tudo, detalhadamente.

Constata-se, assim, que o *bullying* é um problema sério e se apresenta de diversas maneiras e em diversas situações, para tanto, é preciso que a escola, em especial, volte seu olhar para o assunto com o intuito de garantir um ensino de

qualidade a todos. Lisboa e Braga (2014) comentam que:

> O processo de bullying, entendido como uma subcategoria do conceito de violência, pode se manifestar de diferentes formas. Comportamentos físicos agressivos ou violentos como chutar, empurrar, bater, entre outros; manifestações verbais como gozações e atribuição de apelidos pejorativos a determinadas crianças ou adolescentes podem constituir o processo de bullying.

Nesse sentido, o *bullying* se caracteriza como vários tipos de condutas nas quais os agressores do *bullying* maltratam impiedosamente suas vítimas de diferentes formas como: chute, empurrões e apelidos, por exemplo. Lisboa e Braga (2014) acrescentam, ainda, acerca deste fenômeno que:

> O bullying pode ser denominado relacional quando a agressividade se manifesta a partir de ameaças, acusações injustas e indiretas, roubo de dinheiro e pertences, difamações sutis, degradação de imagem social que podem resultar na discriminação ou exclusão de um ou mais jovens do grupo.

Nesse sentido, o *bullying* pode ser entendido também como *relacional,* isso implica dizer que a violência se apresenta por meio de provocações e incriminação indireta, através de furtos e objetos pertencentes às suas vítimas. Apresenta-se, também, por meio de desmoralização que podem suceder no afastamento de uma ou mais pessoas do grupo no qual estão inseridos.

Ainda segundo Lisboa e Braga (2014), “A violência física é a forma que mais chama a atenção, porque é evidente e explícita, e também porque tem consequências graves e mais imediatas”. Dessa forma, evidencia-se as agressões físicas sendo os tipos de *bullying* que acontece com mais frequência, sobretudo, nas escolas, pelo fato de se manifestar mais claramente e também por suas sérias reações imediatas. Assim, o próximo capítulo apresentará as possíveis causas e efeitos do *bullying* dentro do âmbito escolar.

4 CAUSAS E EFEITOS DO *BULLYING* NA ESCOLA

De acordo com Ramirez (apud SOUSA, 2014, grifo do autor), as principais causas que influenciam a violência são *biológicas, ambientais, cognitivo-sociais e de personalidade.*

Quanto aos fatores biológicos Ramirez (apud SOUSA, 2014) ressalta que eles não são tão apreciáveis, porém reconhece a existência de pesquisa que indica a vivência de predisposições biológicas na violência, uma vez que é mais comum registros de casos de agressividade por parte de meninos do que meninas.

No que se referem aos fatores ambientais, Ramirez (apud SOUSA, 2014) revela que eles são bastante relevantes considerando que a família é referência para seus filhos, ou seja, os comportamentos da família influenciam no comportamento dos filhos, portanto, se a família agir de maneira agressiva, corriqueiramente, seus membros também tenderão a se tornarem violentos.

De acordo com a referida autora os aspectos cognitivo-sociais estão diretamente ligados ao comportamento violento e se apresenta diante das dificuldades interpessoais alterando, dessa forma, sua capacidade de refletir e agir induzindo o sujeito a se isolar das demais pessoas.

No que diz respeito aos fatores de personalidade Ramirez (apud SOUSA, 2014) diz que os agressores parecem sentir encanto em maltratar suas vítimas. Apresenta-se, nesse caso, o anseio de agir com brutalidade diante dos problemas agindo, na maioria das vezes, por impulso.

Segundo Fante (2010), por se sentirem envergonhadas, a maioria das pessoas que sofrem agressões não avisa ninguém sobre o que está se passando com ela, sem contar que, poucos esperam que a escola tome uma atitude eficaz e eficiente a favor das vítimas. Ainda na concepção de Fante (2010, p. 6) ressalta que:

> As vítimas de bullying tendem a perder a autoestima, sentir-se envergonhadas, sofrer de ansiedade e passar a desgostar da escola. Frequentemente faltam às aulas para evitar nova agressão. Aquelas que permanecem na escola, frequentemente, desenvolvem problemas de concentração e dificuldades de aprendizado. Outras reagem agressivamente, algumas vezes intimidando outros colegas em um esforço de reconquistar seu status.

Observa-se que as pessoas agredidas têm tendência a apresentar perda de sua autoestima, passar por aflições e se desagradar da escola. Por várias vezes deixa de frequentar a aula para fugir de nova violência. A pessoa que continua indo

para a escola, a cada passo, apresenta dificuldade de aprendizagem. Outras agem da mesma forma com que foi agredida a fim de recuperar o seu lugar.

Cabe ainda mencionar Fante (2010, p. 6) quando afirma que:

> Nos casos mais graves, as vítimas de bullying sofrem de tensão crescente, um risco mais alto de abusar de drogas e do suicídio. Essas crianças apresentam cinco vezes mais probabilidade de sofrer de depressão do que seus colegas, sendo que as meninas apresentam oito vezes mais chances de cometerem o suicídio. Mas os agressores também enfrentam problemas – eles têm maior probabilidade de sofrer de ansiedade e depressão e estão sob risco mais elevado de cometer suicídio e autoflagelação.

Trata-se, nesses casos, que as pessoas agredidas padecem de conflitos crescentes podendo até usar drogas e cometer suicídio. Essas vítimas estão mais propícias a desenvolver problemas de depressão do que as outras pessoas, entretanto, as meninas têm maior tendência de tentarem suicídio. Porém, os atacantes, igualmente as suas vítimas, apresentam problemas, estão predispostos a padecerem de aborrecimentos e depressão, sem contar que eles estão mais favoráveis a cometer suicídio.

De acordo com Silva (2010), no que diz respeito às consequências e condutas do *bullying*, além de os agressores deste fenômeno elegerem suas vítimas que se apresentam em situações desiguais de força, normalmente estas ainda se encontram com sua autoestima baixa agravando ainda mais o problema existente.

Em relação às consequências causadas pelo fenômeno *bullying*, Silva (2010), destaca que as práticas de agressões ao sujeito causam sérios problemas à saúde física e mental.

> Os pacientes tendem a apresentar diversos sintomas físicos, entre os quais podemos destacar: cefaleia (dor de cabeça), cansaço crônico, insônia, dificuldades de concentração, náuseas (enjoo), diarreia, boca seca, palpitações, alergias, crise de asmas, sudorese, tremores, sensação de “nó” na garganta, tonturas ou desmaios, calafrios, tensão muscular, formigamentos. (SILVA, 2010, p. 25, grifo do autor).

Nesse enfoque, as consequências do *bullying* trazem sérios problemas para a saúde e, consequentemente, para a vida diária do sujeito, uma vez que pessoas que apresentam esses diferentes tipos de presságios tendem a se isolar, o que é pior, trazendo ainda mais problemas a ele.

Assim, vale destacar que alguns transtornos estão diretamente ligados com o fenômeno *bullying*, considerando o que diz Silva (2010, p. 25, grifo do autor) sobre o pânico.

> Caracteriza-se pelo medo intenso e infundado, que parece surgir do nada, sem qualquer aviso prévio. O indivíduo é tomado por uma sensação enorme de medo e ansiedade, acompanhada de uma série de sintomas físicos (taquicardia, calafrios, boca seca, dilatação da pupila, suores etc.), sem razão aparente. Um ataque de pânico dura, em média, entre vinte e quarenta minutos. Esse curto espaço de tempo é um dos momentos mais angustiantes que um indivíduo pode vivenciar.

Desse modo, o pânico tem uma ligação muito próxima com o *bullying*, visto que os sintomas apresentados representam para o paciente uma angústia sem tamanho pelo temor que nasce de uma hora para outra, sem que a pessoa esteja esperando. Essa sensação angustiante quando surge leva em média entre 25 a 40 minutos, porém, aflige, de maneira intensa, o indivíduo, igualmente o que sente as vítimas do fenômeno *bullying*. Moreira (2010, p. 138), aponta que:

> A dor moral não é como a dor física que você pode localizar facilmente. A dor moral está espalhada por todo o corpo, porque sua sede é o corpo emocional, então a dor moral é a dor da alma. Quem sofreu qualquer tipo de constrangimento, humilhação, injustiça, agressão moral e acusações falsas traz no olhar e na expressão corporal o reflexo da dor sentida na alma.

Nesse sentido, a angústia moral consiste em alastrar toda a estrutura do sujeito, pois quando sua ética é abalada desestrutura todo seu corpo, principalmente quando o indivíduo é julgado injustamente.

Quanto à fobia escolar, também tem uma ligação muito forte com as vítimas do fenômeno *bullying* levando em conta o que diz Silva (2010, p. 26),

> Caracteriza-se pelo medo intenso de frequentar a escola, ocasionando repetências por faltas, problemas de aprendizagem e/ou evasão escolar. Quem sofre de fobia escolar passa a apresentar diversos sintomas psicossomáticos e todas as reações do transtorno do pânico, dentro da própria escola; ou seja, a pessoa não consegue permanecer no ambiente onde as lembranças são traumatizantes.

Nesse caso específico, percebe-se que o indivíduo que apresenta (fobia social) expressa claramente problemas escolares, ou até mesmo desiste de estudar pelo fato de não se sentir bem no mesmo ambiente em que sofreu esse transtorno, uma vez que, para ele, é difícil permanecer frequentando o local que lhe traz recordações ruins. Segundo Vasconcelos (2001, p. 44),

> Muitas vezes, o professor não consegue disciplinar porque não tem autoridade diante dos alunos. Normalmente, o professor fica esperando que o aluno traga “um reconhecimento natural” para com a sua pessoa; historicamente, este tempo passou. Isto acontecia quando a escola representava um inquestionável caminho de ascensão social e, dessa forma, o professor era um dos seus representantes mais qualificados e como tal era tratado (ainda que fosse um respeito meramente formal). Hoje tudo mudou. Esse tratamento de respeito tem de ser conquistado pelo professor.

Desse modo, devido aos comportamentos indisciplinados dos alunos, o professor perde a autoridade da sala de aula acreditando que o mesmo reconheça o seu papel de autoridade da sala. Vivemos uma época em que o respeito esperado pelo professor da parte do aluno é uma conquista que ele, enquanto, educador precisa fazer. Carvalho e Rodrigues (2014) ressaltam:

> Se é desejável que os alunos desenvolvam uma postura de respeito, o fundamental é que isso seja tratado desde o início da escolaridade com base na idade de cada um, querendo ou não a indisciplina afetará o trabalho de todos, não adianta esconder ou mudar a coordenação de uma escola, sua direção ou equipe de professores, pois em toda a escola irá sempre existir tais atitudes de rebeldias, é necessário acima de tudo um novo olhar sobre quem são esses educandos, como se desenvolvem, quais são suas necessidades, pois a sociedade mudou e a escola precisa se adaptar ao modo de ver esse novo mundo.

Assim, se a escola espera que os alunos apresentem bons comportamentos, é necessário que, desde cedo, seja trabalhado, com seus alunos, questões relacionadas aos valores, embora se saiba que sempre existirão alguns alunos com comportamentos rebeldes, uma vez que a sociedade é outra e a escola também precisa mudar e acompanhar as demandas da sociedade. Chaves, Carvalho e Cunha (2014) enfatizam que:

> Um estudo do professor Olweus mostrou a correlação existente entre o bullying e a criminalidade: 60% dos alunos identificados como agressores no fenômeno bullying tinham uma condenação legal antes dos 24 anos de idade. Os demais alunos, mesmo que espectadores do fenômeno, acabavam sofrendo consequências, uma vez que o direito que tinham a uma escola segura, solidária e saudável foi se esvaindo à medida que o bullying foi deteriorando suas relações interpessoais, acarretando prejuízos ao seu desenvolvimento sócio educacional.

De acordo com a pesquisa realizada pelo professor Olweus, constata-se que existe uma relação muito próxima entre o *bullying* e o crime, ou seja, as consequências do fenômeno *bullying* são muito sérias e graves, considerando que dos sujeitos observados em seus estudos 60% deles, além de serem apontados como atacantes no fenômeno *bullying*, existiam uma condenação judicial antes de completar seus 24 anos de idade. Em relação aos outros alunos, sofriam danos causados pela falta de segurança que, aos poucos, a escola foi perdendo e, consequentemente, trazendo perdas ao seu crescimento educacional.

4.1 *Bullying* frente às leis do país

Com base nas discussões feitas, torna-se oportuno apresentar, mesmo que de maneira sucinta, algumas considerações acerca das leis do país no que tange aos direitos humanos frente ao problema do fenômeno em estudo.

Compreende-se que o *bullying*, assim como qualquer conduta prejudicial ao sujeito, precisa ser estudado juridicamente considerando que a Constituição Federal (CF) 1988, em seu artigo 5º, incisos V e X, estabelece que:

> Art. 5º - Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: V - é assegurado o direito de resposta, proporcional ao agravo, além da indenização por dano material, moral ou à imagem; X - são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito à indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação (BRASIL, 2013, p. 11).

A Constituição Federal de 1988 apresenta como uma das suas finalidades básicas a igualdade de direitos a todos os cidadãos independente da cor, sexo, religião ou algum outro caráter, garantindo a qualquer ser humano o direito à liberdade e à igualdade. Garante, também, em caso de ofensa ou injúria, o direito de revidar, além da compensação por agravo moral ou material à pessoa. A CF assegura que é inviolável a vida particular de qualquer pessoa, assim como também suas intimidades. Portanto, perante a Lei do país, todos têm o direito de ser respeitado. É importante ressaltar o que diz Moreira (2010, p. 142) quanto ao código civil em seu Título III – Dos Atos Ilícitos nos artigos 186 e 187.

> Art. 186 – Aquele que, por ação ou omissão voluntária, negligência ou imprudência, violar direito e causar dano a outrem, ainda que exclusivamente moral, comete ato ilícito. Art.187 – Também comete ato ilícito o titular de um direito que, ao exercê-lo, excede manifestante os limites impostos pelo seu fim econômico ou social, pela boa-fé ou pelos bons costumes.

Os artigos 186 e 187 do código civil têm a finalidade de explicar que a pessoa que cometer determinados atos ou falhar espontaneamente, por descuido ou inconveniência, desobedecer à lei e prejudicar outra pessoa, mesmo sem intenção de causar danos, atenta ação tortuosa ao cidadão. Também viola a lei aquela pessoa que, perante o artigo 187 do código civil, extrapolar os limites atribuídos a ela por fim econômico ou social.

Moreira (2010, p. 142) enfatiza que:

> Art. 188 – Não constituem atos ilícitos: I – os praticados em legítima defesa ou no exercício regular de um direito reconhecido; II – a determinação ou destruição da coisa alheia, ou a lesão à pessoa, a fim de remover perigo iminente.

Compreende-se que a pessoa que fizer uso de algo para se defender de alguma injustiça não é considerado ato ilícito, ou seja, será fidedigno. Vale ressaltar que é apenas reconhecido como direito quando as situações forem, de fato, necessárias.

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA Lei nº 8.069/90, em seu artigo 70 estabelece que: “É dever de todos prevenir a ocorrência de ameaça ou violação dos direitos da criança e do adolescente”. (BRASIL, 2010a, p. 47). Nesse sentido, o referido artigo atribui à população, de modo geral, a obrigação de precaver acontecimentos ou transgressões dos direitos às crianças e adolescentes, ou seja, toda a sociedade deve ter precaução quanto a prática de ações que prejudique esse público, principalmente a população adulta considerando que ela deve ser referência de boa conduta para eles.

Em seu artigo 98, no que diz respeito às medidas de proteção à criança e o adolescente Brasil (2010a, p. 63) determina que:

> As medidas de proteção à criança e ao adolescente são aplicáveis sempre que os direitos reconhecidos nesta lei forem ameaçados ou violados: I – por ação ou omissão da sociedade ou do Estado; II – por falta, omissão ou abuso dos pais ou responsável; III – em razão de sua conduta.

Assim, em consonância com o artigo 70, o artigo 98 reforça que a população, como um todo, tem o dever de garantir às crianças e adolescentes os seus direitos enquanto pessoas, isto é, qualquer ato que viole a lei causando agressões ou qualquer tipo de ameaça contra esse público, os responsáveis irão responder judicialmente por suas ações.

Em relação ao artigo 101 do Estatuto da Criança e do Adolescente, Brasil (2010a, p. 66) estabelece que:

> Art. 101. Verificada qualquer das hipóteses previstas no art. 98, a autoridade competente poderá determinar, dentre outras, as seguintes medidas:
> I – encaminhamento aos pais ou responsável, mediante termo de responsabilidade;
> II – orientação, apoio e acompanhamento temporários;
> III – matrícula e frequência obrigatórias em estabelecimento oficial de ensino fundamental;
> IV – inclusão em programa comunitário ou oficial de auxílio à família, à criança e ao adolescente;
> V – requisição de tratamento médico, psicológico ou psiquiátrico, em regime hospitalar ou ambulatorial;
> VI – inclusão em programa oficial ou comunitário de auxílio, orientação e tratamento a alcoólatras e toxicômanos;
> VII – acolhimento institucional;
> VIII – inclusão em programa de acolhimento familiar;
> IX – colocação em família substituta.

Nesse contexto, o artigo acima trata, especificamente, de algumas medidas, em razão dos comportamentos adotados pela criança e pelo adolescente. Caso eles cometam algum ato infracional receberão atendimento educacionais diferenciados e específicos a cada conduta. São medidas de proteção que os ajudarão a conviver socialmente, medidas essas necessárias à sua formação enquanto sujeitos de direitos. No artigo 104 destaca-se que:

> **Art. 104.** São penalmente inimputáveis os menores de dezoito anos, sujeitos às medidas previstas nesta lei. **Parágrafo único.** Para os efeitos desta lei, deve ser considerada a idade do adolescente à data do fato. (BRASIL, 2010a, p. 71, grifo do autor).

Desse modo, os jovens abaixo de 18 anos que cometerem atos ilícitos, subordinados às decisões legais, quando estes ultrapassam os limites impostos pela lei. Assim, a Constituição Federal reforça os dispositivos legais em seu artigo 228 quando diz que: “São penalmente inimputáveis os menores de dezoito anos, sujeitos às normas da legislação especial”. (BRASIL, 2013, p. 67). Nesse sentido, a CF explicita que embora o jovem seja ainda menor de idade, será sujeito a medidas legais, considerando que, qualquer forma de desrespeito para com o cidadão é crime. Brasil, (2010b, p. 73, grifo do autor) expressa que:

> **Art. 112.** Verificada a prática de ato infracional, a autoridade competente poderá aplicar ao adolescente as seguintes medidas: I – advertência; II – obrigação de reparar o dano; III – prestação de serviços à comunidade; IV – liberdade assistida.

Nesse enfoque, quando o menor, por algum motivo cometer alguma ação infracional, serão efetivadas algumas medidas socioeducativas. Para tanto, compete

à justiça determinar quais medidas serão tomadas.

No que diz respeito à Lei Maria da Penha nº 11. 340, de 7 de agosto de 2006, ressalta:

> Art. 5º - Para os efeitos desta Lei, configura violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial. (MOREIRA, 2010, p. 144).

Verifica-se, portanto, que a Lei Maria da Penha é bastante clara ao determinar que, qualquer tipo de agressão, seja física ou moral contra a mulher, resulta em punições legais, uma vez que a mulher, como todo ser humano, merece ser respeitada.

No que concerne à atuação do Município de Chapadinha quanto aos direitos da criança e do adolescente, segundo o Conselheiro Sr. Joselito, no ano de 2013, foram registrados somente 02 casos de *bullying* escolar em que as vítimas se sentiram ofendidas pelo fato de os autores lhes apelidarem. Uma das vítimas foi apelidado por “cabelo de Bombril” e a outra por causa de namoro. O Conselho Tutelar tomou, então, a seguinte medida: chamou as partes envolvidas, conversou com as mesmas e entraram em acordo. (Fonte direta: Conselho Tutelar de Chapadinha, 2013).

Nesse contexto, todas as leis acima citadas dão destaque aos direitos que todo ser humano tem e deve recorrer quando, por algum motivo, se sentir prejudicado. Assim, questionam-se: quais os profissionais da educação que podem contribuir para o enfrentamento do *bullying*?.

4.2 Contribuição de alguns profissionais no enfrentamento do fenômeno *bullying*

É clara a necessidade que os envolvidos com a educação têm em debater e combater a violência do fenômeno *bullying* no contexto escolar, uma vez que esse fenômeno é um problema sério que gera consequências irreparáveis ao indivíduo.

Importa ainda ressaltar que é fundamental conhecer os profissionais da educação que podem contribuir a fim de diminuir a agressividade na escola, considerando que a instituição escolar é um espaço de socialização, de formação de pessoas para o exercício de sua cidadania, portanto tem o papel essencial de discutir e buscar subsídios com a finalidade de amenizar o problema.

Bastos (2014) ressalta:

> Ser fundamental, instaurar uma instituição escolar com regras, leis e esferas de poder claras para os que participam da vida escolar, pois dessa forma, as instituições se fortalecem, criando regras livremente consentidas e levando em conta os conflitos de forma a organizar meios para sua resolução: contra a palavra emparedada.

Com base nas considerações da autora, entende-se que a escola precisa determinar em seu contexto normas “claras” e informar a todos que compõem a instituição as regras estabelecidas a fim de que todos se respeitem.

Conforme Fante (2010), abolir com as agressões existentes no contexto escolar se transformou numa enorme provocação social, visto que o fenômeno *bullying* é uma questão bastante complicada e envolve vários fatores, exigindo, assim, atuações de diferentes profissionais de diferentes setores, além do empenho individual, da família e do governo.

Assim, o programa de enfrentamento ao *bullying* escolar, Educar para a Paz, é um projeto criado por Fante com a finalidade de despertar o grupo escolar para a importância do problema e a precisão de lutar contra ele através de agentes da cultura e da paz. O programa tem a finalidade também de estimular a invenção de leis, políticas públicas e aquisições contra o fenômeno *bullying* e amparo total à criança e ao adolescente, uma vez que a agressão em suas diferentes formas concebe um abuso dos direitos do sujeito, principalmente a probidade física, compostura humana e idêntico amparo mediante a lei (FANTE, 2010).

Para Fante (2010, p.5), o objetivo geral do programa tem por meta:

> Reduzir a incidência de casos de bullying, por meio da implantação do Programa de Enfrentamento ao Bullying Escolar, em escolas dos Municípios onde a Plan[5] atua, como estratégia à violência nas escolas com Campanha Aprender sem Medo.

Nessa perspectiva, a pesquisadora espera com a implantação do programa nas escolas diminuir o número de registros de violência entre pares. Entende-se que essa tática de combate ao fenômeno *bullying* é uma contribuição significativa não apenas para a escola, mas para a família e comunidade em geral.

Quanto aos objetivos específicos do programa, Fante (2010, p. 5) ressalta que:

[5] PLAN – A Plan é um programa de enfrentamento ao *bullying* no contexto escolar visando ajudar professores, pais e alunos sobre atos violentos. (FANTE, 2010).

> Capacitar a equipe escolar e demais parceiros da escola para a identificação, intervenção e encaminhamento dos casos de bullying estimular o desenvolvimento de ações de enfrentamento e promoção da cultura de paz, motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder.

É inegável que o preparo adequado ao quadro de funcionários da escola e também a outros companheiros da instituição escolar seja necessário, pois essa capacitação lhes possibilitará a apontar e intervir, de maneira mais eficiente, às ocorrências do fenômeno *bullying* objetivando, dessa forma, promover a serenidade no contexto escolar. No que concerne aos seguimentos escolares Fante (2010. p. 6) ressalta que:

> É fundamental que os atores sociais participantes da comunidade educativa tais como família, educadores, educandos, equipe técnica e funcionários estejam efetivamente envolvidos com as ações voltadas para redução e eliminação da violência no ambiente escolar. É a comunidade que tem condições de planejar ações, identificar necessidades, falhas, desejos e, principalmente, propor soluções. Os gestores da educação devem ser capazes de estimular e facilitar tais processos fortalecendo a gestão democrática nos sistemas de ensino, aproximando a relação entre a escola e a comunidade, aperfeiçoando a comunicação, entre os atores.

Com base nas considerações da autora, é necessário que todos os seguimentos escolares participem ativamente da luta contra o *bullying* no contexto escolar. A escola, em especial, precisa desenvolver ações de combate ao *bullying*. Os dirigentes da instituição precisam adotar posturas democráticas a fim de aproximar família e comunidade das atividades realizadas na escola mantendo, dessa forma, um vínculo harmonioso entre todos.

Como aponta Silva (2010), a atuação da escola diante do fenômeno *bullying* ainda está numa etapa inicial. A maioria não está organizada para identificar e encarar a agressão entre seus educandos. Esse estado se reflete ao desconhecimento do caso ou mesmo a omissão dele.

Silva (2010) recomenda, portanto que, a escola precisa, primeiramente conhecer a vivência do fenômeno *bullying* em suas diversas maneiras e assumir que o problema realmente existe e causa danos enormes às suas vítimas.

No que se refere à atuação do professor no combate do fenômeno *bullying*, Silva (2010, p. 168) nos recomenda que:

> O professor deve possuir pleno conhecimento das suas atribuições, bem como da competência de todos os profissionais da escola. Somente de posse desse conhecimento ele será capaz de compreender por que e quando deverá encaminhar um caso de violência entre alunos a outros profissionais e/ou instituições.

É evidente que a influência do professor no enfrentamento de combate ao *bullying* é de suma importância, para tanto, ele precisa ter conhecimentos necessários quanto ao problema, pois só assim ele poderá contribuir significativamente para amenizar as agressões no contexto escolar, ou mesmo conduzir o caso a outras pessoas especializadas no assunto, ou mesmo a outros órgãos responsáveis. Quanto ao responsável principal da escola, Silva (2010, p. 168, grifo do autor) ressalta:

> [...] Cabe ao diretor, como autoridade máxima desse ambiente, realizar uma sindicância (ou averiguação) interna e tomar as decisões necessárias sobre as condutas e os procedimentos que devem ser adotados pelos professores e por todos os funcionários de sua escola.

Nessa perspectiva, é papel do gestor enquanto líder da instituição escolar efetivar uma inquisição dentro do ambiente escolar e tomar as providências cabíveis acerca do comportamento e de metodologias que precisam ser assumidas pelos funcionários em relação ao problema em questão.

Em certas ocasiões é aconselhável que o gestor faça uma condução do acontecimento para outros estabelecimentos como o Conselho Tutelar ou outras instituições legais de amparo à criança e ao adolescente. Determinadas vezes pode ser imprescindível a direção de maneira confidencial. A petição de segredo e de ajuda da administração escolar tende a garantir sua segurança e da escola, de modo geral (SILVA, 2010). Seguindo ainda por essa trilha, Fante (2010, p. 6) destaca que:

> As escolas devem criar procedimentos preventivos e formas de reação ágeis para evitar a ocorrência de situações de bullying e quaisquer outras manifestações de violência entre estudantes. As normas devem ser claras, objetivas, aplicadas com rigor e transparência. A elaboração de tais regras e processos pode ser um excelente exercício participativo que resulte em clara compreensão do fenômeno por todos os atores da comunidade estimulando o engajamento dos próprios alunos e suas famílias, assegurando a legitimidade de sua aplicação.

Na escola, portanto, é necessário que sejam criadas ações de prevenções e estratégias rápidas para impedir casos de violência entre alunos. As regras precisam ser evidentes e claras. Assim, a construção de tais normas e ações pode ser um aprendizado participativo que proceda num intenso entendimento sobre o *bullying* por todos os envolvidos no sistema escolar, incentivando a participação da família e comunidade em geral, garantindo, assim, a validade de seu engajamento.

De acordo com Souza e Almeida (2014):

> Para o psiquiatra Lauro Monteiro, apesar de algumas pessoas falarem em polícia e justiça como solução para o *bullying*, ele não acredita que este seja ainda o momento para concentrar atenções neste aspecto, mas deve-se primeiro entrar numa campanha sobre a questão, pois só se deve pensar em punição quando houver prevenção, que implica em compromisso. De acordo com ele, o *bullying* envolve duas pessoas que não estão bem, de forma que as duas merecem ser tratadas e, a escola, tem de se comprometer com a prevenção.

Assim, a partir dessas reflexões, percebeu-se que tanto o agressor quanto a vítima do *bullying* precisam receber atendimento especial sobre suas condutas, pois os alunos precisam ter a oportunidade de serem ouvidos, questionados sobre suas práticas a fim de se saber o que os levam a agirem violentamente, pois precisam de ajuda de profissionais qualificados e a escola precisa promover esses cuidados de atenção aos casos identificados, a fim de se criar alternativas para evitar possíveis ocorrências.

5 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA

5.1 Contextualizando a área de estudo

A presente pesquisa fora realizada no município de Chapadinha, cidade esta que se localiza no interior do Estado do Maranhão na mesorregião Leste Maranhense a 245 km da capital, São Luís. Segundo o censo de 2013, o município apresenta uma área territorial de 3.347,366km² e uma população de 73.350 habitantes. Desse total de habitantes, 52.882 residem na zona urbana e 20.468 na zona rural (IBGE, 2014).

Figura 3: Mapa de localização do Município de Chapadinha-Ma.



Fonte: Chapadinha.site.com, 2014.

No que se refere à escola campo, esta fora fundada sob a Lei de nº 299, inicialmente com o nome Professor Júlio Bacelar em 23/09/1967 no povoado Inhabu. Posteriormente, por meio do Decreto de nº 344 de 15 de abril de 1968, a referida escola mudou-se para a cidade de Chapadinha sob a Lei nº 15, em 28 de maio de 1994, adotando o nome de Unidade Escolar José Sarney, conservando-se esse nome até o ano de 2001. Em 11 de julho de 2002 ocorreu uma modificação, transferindo-se o nome da escola para Unidade Integrada Presidente José Sarney, na qual se localiza, atualmente, na Rua Norte da Aldeia, S/N no bairro Campo Velho, Chapadinha-MA.

Quanto à estrutura física, a Unidade Integrada Presidente José Sarney dispõe de 05 salas de aula, 01 secretaria, 02 depósitos, 02 banheiros, 01 cozinha, 01 área aberta interna e 01 laboratório de informática.

Quanto ao atendimento educacional, a escola pesquisada oferece atendimento em nível fundamental dos anos iniciais e na modalidade de ensino da EJA. Atende uma clientela num total de 453 alunos, sendo distribuídos da seguinte forma: 176 alunos no turno matutino, 182 no turno vespertino e 95 alunos no turno noturno.

No que se refere à equipe de funcionários, a mesma possui, atualmente, 27 professores, todos licenciados em áreas específicas, adequadas às disciplinas com a qual trabalham, 01 gestora licenciada em Pedagogia e pós graduada em Gestão e Supervisão Escolar, possui também 03 auxiliares de administração, 04 vigias e 09 A.S.G.

A escola é subsidiada pelo recurso do Programa Dinheiro Direto na Escola – PDDE, que é proposto para a obtenção de materiais de apoio como: materiais permanentes, de consumo, manutenção do prédio escolar, implementação de projetos, dentre outros, com o intuito de oferecer um atendimento educacional de qualidade.

A Unidade Integrada Presidente José Sarney possui Conselho Escolar que se constitui num conjunto de pessoas que representam a comunidade como um todo num espaço de discussão onde diretor, professores, funcionários da escola, família dos alunos no quais tomam decisões em prol da melhoria na qualidade do ensino, entretanto, a escola não desenvolve nenhum tipo de projeto ou programa que envolva família e comunidade.

5.2 *Bullying* no contexto escolar: uma análise da realidade da escola Unidade Integrada Presidente José Sarney

Diante do exposto, realizou-se uma pesquisa de cunho qualitativo, quantitativo e bibliográfica com o intuito de colher as informações necessárias que forneceram subsídios para a realização desta pesquisa.

Inicialmente, com a finalidade de compreender melhor as questões relacionadas à temática em discussão, utilizou-se como ferramentas para fins de coleta de dados a observação e a entrevista que, segundo Cervo (2002), sem estas

a análise dos fatos e de seus princípios seriam encurtados à simples proposição e adivinhação. Ainda de acordo com o referido autor, a entrevista não é pura conversa. É conversa dirigida para uma finalidade decidida: recolher, por meio da investigação do informante, elementos para a pesquisa.

Para a realização deste estudo buscou-se, também, articular as expectativas da escola, do aluno, professor, gestor e da família a fim de compreender o fenômeno *Bullying* no contexto escolar e suas graves consequências no processo de ensino e aprendizagem. Para tanto, esta pesquisa tornou-se um instrumento para melhor conhecer tal realidade.

Foram submetidos à aplicação de questionários relacionados à temática desta pesquisa 30 alunos do 5° ano do ensino fundamental do turno vespertino, bem como sua família, direção de ensino e professor da escola campo.

As análises dos sujeitos em pesquisa foram feitas por meio de entrevistas e questionários. A entrevista teve como finalidade compreender o fenômeno *Bullying* no âmbito da instituição escolar e seus sérios efeitos na técnica de ensino e de aprendizagem.

Nesta parte do trabalho serão discutidos alguns pontos sobre o tema em questão direcionados à gestora, à professora, alunos e família dos alunos da instituição escolar em pesquisa. Nessa perspectiva, antes mesmo de analisar as informações obtidas, faz-se indispensável conhecer o perfil dos sujeitos envolvidos nesta análise.

Quanto à gestora, esta, por sua vez, trabalha na referida instituição há pouco mais de 1 ano e é formada em Pedagogia com pós graduação em Gestão e Supervisão Escolar.

Em relação à professora é licenciada em Pedagogia e atua na escola campo há 1 ano e 2 meses.

Quanto à família, são cidadãos trabalhadores nas mais diversas funções.

No que diz respeito aos alunos, são filhos de famílias trabalhadoras que realizam atividades em setores variados.

Nesse sentido, pretende-se, a seguir, compartilhar os resultados obtidos a partir do exame crítico do material coletado. Entretanto, no decorrer das análises dos dados, os sujeitos envolvidos na pesquisa não se encontram identificados por seus próprios nomes, ou seja, estão identificados por pseudônimos.

5.2.1 Análise do questionário aplicado ao gestor e ao professor

Ao serem questionadas sobre qual sua formação, obtive-se a seguinte resposta: *[...] Sou formada em Pedagogia e Pós Graduada em gestão e Supervisão Escolar (Gestora). Sou graduada em Pedagogia (Professora).*

Percebeu-se pelas respostas das entrevistadas que as mesmas têm um preparo profissional adequado para exercerem os cargos que ocupam atualmente, considerando o que diz a Lei de Diretrizes e Bases Nacional - LDB em seu artigo 64 ao afirmar que:

> Art. 64. A formação de profissionais de educação para administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional para a educação básica, será feita em cursos de graduação em pedagogia ou em nível de pós-graduação, a critério da instituição de ensino, garantida, nesta formação, a base comum nacional. (BRASIL, 2010b, p. 50).

Nesse sentido, o profissional de educação, cuja formação é a Pedagogia, estará habilitado a atuar não apenas como docente, mas também como gestor de escola. Portanto, torna-se uma Licenciatura cuja grade curricular é assegurada pela Lei na qual institui o pedagogo uma qualificação aos serviços administrativos e pedagógicos na instituição escolar.

Quanto ao período de atuação no cargo e na referida escola, responderam: *Há um ano e quatro meses (Gestora). Há um ano e dois meses (Professora).*

Percebeu-se que tanto a gestora quanto a professora trabalham na escola pesquisada um pouco mais de um ano, porém elas têm uma qualificação profissional necessária a encarar tais funções.

Em relação ao que elas entendem por *bullying*, disseram: *É um ato agravante, constrangedor que gera traumas e consequências impróprias (Gestora). É uma forma de agressão intencional verbal e física (Professora).*

Diante desse contexto, constata-se que ambas as entrevistadas têm uma clara compreensão quanto ao conceito de *bullying*, uma vez que, segundo Fante (2010), o *bullying* se caracteriza em uma forma de agressão que aflige os alunos em toda parte do planeta, sem contar que é um problema que atinge não apenas o contexto escolar , mas também o âmbito familiar.

Quando indagadas sobre agressões ou ameaças sofridas por elas em relação aos alunos da escola campo, responderam: *Não (Gestora). Não*

(Professora).

As respostas das entrevistadas revelam que felizmente nenhuma delas foram vítimas do fenômeno *bullying*, isso demonstra também o respeito que os alunos têm pelos profissionais da referida instituição.

Quando questionadas sobre a violência entre os alunos no contexto de sua sala de aula, responderam: *Sim (Gestora). Sim (Professora).*

Ambas as entrevistadas afirmam que os alunos já foram agredidos por outros colegas de classe. Salienta-se a falta de respeito entre os alunos, cabendo à escola equacionar os problemas que surgem em seu contexto. Remete-se, portanto, às considerações de Fante (2010), quando esta ressalta que para acabar com as agressões dentro do âmbito escolar é preciso desenvolver projetos de enfrentamento ao *bullying*, isto é, educar os sujeitos para a paz.

Quanto a sua postura diante desse problema de agressão ocorrido em sala de aula, respondeu: *Tomo as providências cabíveis: converso com os envolvidos, chamo a família dos mesmos para que eles tenham conhecimento dos fatos e também providencio palestras com os Conselheiros (Gestora). Converso com meus alunos. (Professora).*

Observou-se através das respostas dadas pelas entrevistadas uma atitude inicialmente correta, considerando que o diálogo entre alunos e família é fundamental para que o processo de ensino e de aprendizagem não sofra sanções, sem contar que é de suma importância convidar pessoas com um preparo mais adequado para ajudar a escola a lidar com tais situações.

Sobre esta problemática, Carreira (2014) propõe que:

> É preciso que gestores educacionais e profissionais da área educacional tomem consciência da importância de se estudar o tema, suas implicações, características, conceitos e expressões, livres de preconceitos, alarmismos ou redundantes retóricas.

Constatou-se nas palavras da autora a necessidade de os profissionais da educação, em especial o gestor de escola, em perceber a seriedade em se aprofundar sobre os conhecimentos acerca desse assunto a fim de que ele possa colaborar com o trabalho pedagógico e ajudar a todos a superar o problema.

Quando questionadas sobre a existência, na escola em que trabalham, em relação a algum programa em combate ao bullying, responderam: não (Diretora). Não (Professora).

Segundo revelaram as entrevistadas, é perceptível que a escola não

desenvolve nenhum programa de combate ao *bullying*. Diante desse contexto, notou-se a necessidade da instituição desenvolver programas voltados para essa temática, uma vez que os programas de combate ao *bullying* conscientizam as pessoas acerca da violência na escola de modo geral.

Quando questionadas sobre como avaliam o papel do educador em combate ao *bullying*, responderam: *Os mesmos não devem medir esforços para explorar o respeito com o próximo (Gestora). É fundamental na transmissão de valores (Professora).*

Destacou-se, portanto, que o papel do professor no combate ao *bullying* é fundamental, porém essa luta não depende exclusivamente do trabalho dos profissionais da instituição levando em conta que a ação pedagógica é algo que precisa ser realizada no coletivo, com a participação de todos os envolvidos no processo educativo, ou seja, com a participação da comunidade interna e externa.

Vale ressaltar, também, as ideias de Araújo e Nunes (2014) quando ressaltam que a falta de cuidado por parte dos funcionários da escola no que diz respeito ao problema do *bullying* é uma situação grave, pois pode acarretar a fuga escolar de muitos educandos que por não arranjarem meios de se proteger terminam abandonando a escola.

Quando indagadas sobre o diálogo com a família sobre os atos violentos de seus filhos na escola, disseram: *Sim (Gestora). Sim (Professora).*

Observou-se, segundo os relatos das entrevistadas, que, de fato, existe diálogo entre a escola e os familiares dos alunos, o que demonstra uma preocupação quanto ao desenvolvimento dos mesmos. Acredita-se que uma relação harmoniosa entre escola e família dá sustento ao bom desempenho e conduta do aluno. Compreendeu-se que não é responsabilidade da escola assumir sozinha o papel de educar os alunos, portanto ela precisa envolver a família nesse processo.

Quando questionadas se a escola oferece algum tipo de atividade com a participação da comunidade e qual tipo de atividade oferece, responderam: *Sim, culminância, a escolha do conselheiro e em período de datas comemorativas. (Gestora). Não (Professora).*

Percebeu-se uma contradição entre as falas das entrevistadas, pois enquanto a gestora diz tentar trazer a família do aluno para participar das atividades escolares, a professora relata que a escola não oferece nenhum tipo de ação que envolva a participação da família.

Nesse sentido, nos reportamos às ideias de Araújo e Nunes (2014) quando destacam que “o universo escolar é o lugar ideal para realização e promoção da cidadania, para socialização, concepção de atitudes e opiniões”. Assim, acreditou-se ser fundamental a presença da família na escola, uma vez que quando existe entre elas um vínculo afetivo, uma relação dialógica, um trabalho educativo em conjunto é possível formar sujeitos capazes de conviver em paz com os outros e consigo mesmo.

Ao serem questionadas sobre que tipo de intervenção acreditam ser eficiente para combater o *bullying*, disseram: *Palestras, contrato didático e diálogo com todos que compõem a escola, família, alunos, funcionários e comunidade (Gestora). Projetos envolvendo a família e todos os funcionários. (Professora).*

Ao analisar as afirmações das entrevistadas, percebeu-se que elas têm consciência das condições favoráveis para que todos os envolvidos no processo educacional tenham uma boa convivência, contudo, vale ressaltar as ideias de Silva (2010, p.173) ao dizer que:

> A luta antibullying deve ser iniciada desde muito cedo, já nos primeiros anos de escolarização. A importância da precocidade das ações educacionais se deve ao incalculável poder que as crianças possuem para propagar e difundir ideias. Elas facilmente se transformam em agentes multiplicadores, capazes de educar, por vias alternativas, seus familiares e funcionários domésticos criando-se, assim, um círculo virtuoso no empenho pela paz.

Nesse enfoque, a escola precisa, desde cedo, provocar um conjunto de ações educadoras sobre a prevenção do fenômeno *bullying* com o intuito de desenvolver em seus alunos comportamentos saudáveis e respeitosos e atuar não somente em seu contexto, mas, também, na sociedade como um todo.

No que diz respeito à interação e cooperação entre família e professores de modo a proporcionar o respeito às diferenças de cada criança, responderam: *Sim, pois se sabe que o diálogo é fundamental (Gestora). É fundamental que a família mantenha uma boa relação e coopere com a escola, principalmente com os professores (Professora).*

Constatou-se que os sujeitos da pesquisa dão importância à interação e cooperação entre família e professores, relação esta necessária, pois a parceria entre escola e família tem forte influência na formação de valores dos alunos, “a partir do momento em que alunos, professores e funcionários conseguem manter vínculos concretos de afetividade e respeito, a escola se torna um local agradável e convidativo para práticas educativas, políticas e culturais” (ARAÚJO e NUNES,

2014). Nesse sentido, essa interação possibilita, especificamente ao aluno, um preparo adequado para o convívio social.

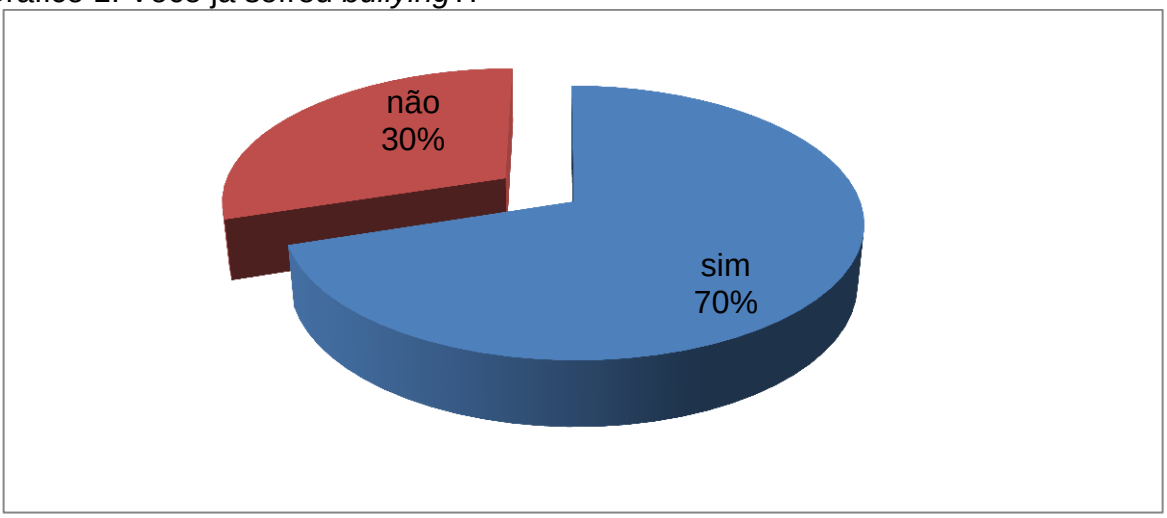
Quando questionadas sobre a maneira como o *bullying* prejudica a aprendizagem dos alunos, disseram: *De maneira que quando se comete um ato desses a criança vivencia um momento constrangedor e isso fica marcado na mente da criança (Gestora). O aluno se sente desmotivado, sem interesse de estudar (Professora).*

Observou-se que, de acordo com os relatos e dados obtidos, o problema do *bullying* afeta diretamente a aprendizagem dos alunos de maneira negativa. Nesse contexto, Eiras (2014) destaca que o *bullying* pode levar a vítima ao desapego pelos estudos e, consequentemente, ao fracasso escolar.

5.2.2 Análise do questionário aplicado aos alunos

Aplicou-se a 30 alunos um questionário com 09 questões abertas e fechadas. Vale ressaltar que não houve escolha direta, os envolvidos na pesquisa se dispuseram a participar livremente deste estudo e a análise fora realizada através do discurso qualitativo e quantitativos sendo distribuídos em gráficos, conforme se apresenta a seguir.

Gráfico 1: Você já sofreu *bullying*?.

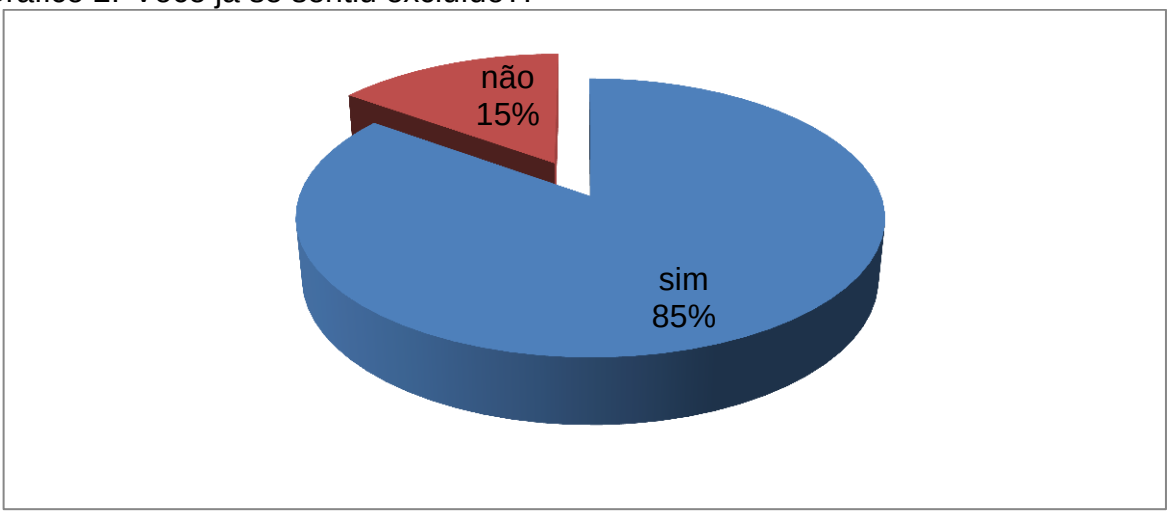


Constatou-se que a maioria dos envolvidos na pesquisa já foram vítimas do fenômeno *bullying*. As respostas apresentam que 70% dos alunos foram, de certa forma, agredidos no contexto escolar, o que significa um problema que precisa ser avaliado e analisado pela escola, considerando que somente um indicativo de 30%

não sofreram violência. Considera-se, portanto, um problema relativamente sério que exige soluções práticas e rápidas nessa luta.

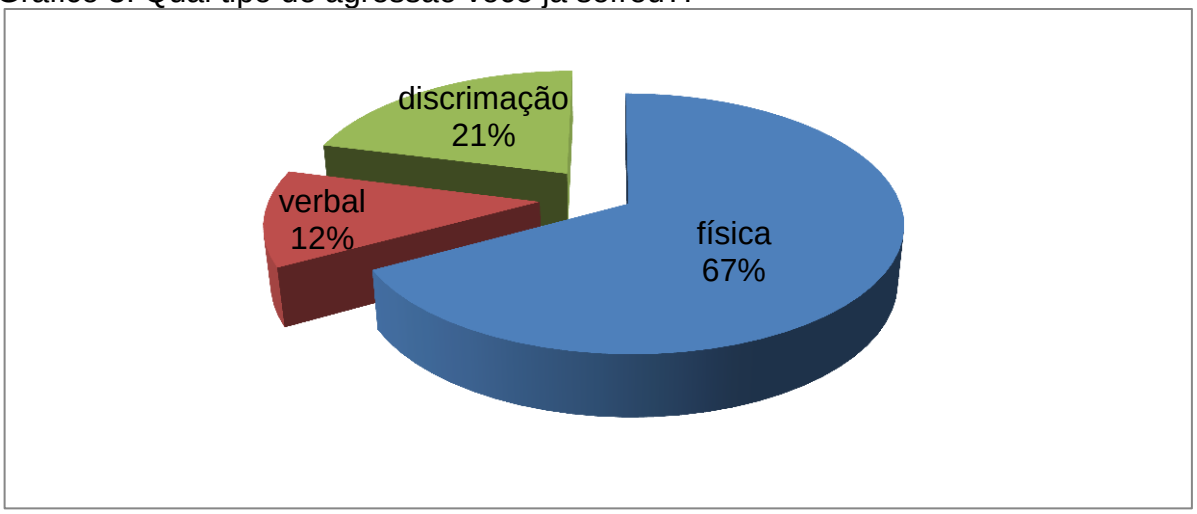
O seguinte questionamento fora direcionado para a questão da exclusão no contexto escolar, ou seja, se em algum momento estes alunos já se sentiram excluídos.

Gráfico 2: Você já se sentiu excluído?.



As respostas despontam que 85% dos sujeitos já se sentiram excluídos no ambiente escolar. Isso comprova que o *bullying* está presente na escola em que estes alunos estudam, sendo um problema que pode prejudicar os alunos em sua afetividade, até mesmo em seu desempenho escolar. Apenas 15% dos alunos entrevistados não se sentem excluídos. Observou-se, mais uma vez, que a escola precisa tomar algumas providências. A seguir, serão mostrados alguns tipos de agressões sofridas pelos alunos no ambiente escolar.

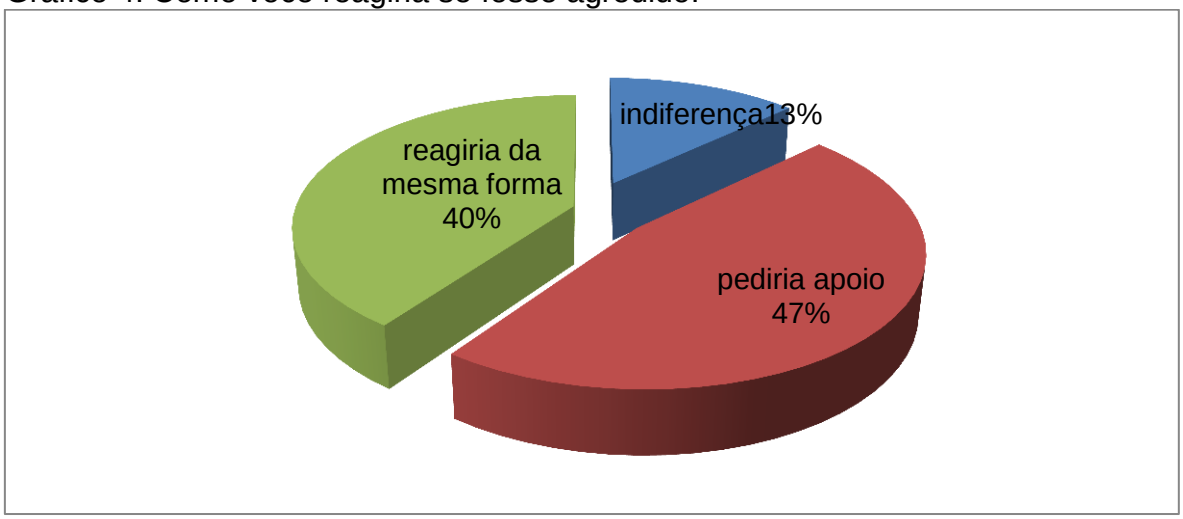
Gráfico 3: Qual tipo de agressão você já sofreu?.



Considerando o gráfico acima, observou-se que 67% dos entrevistados

afirmaram que sofreram agressões físicas, 21% disseram terem sido vítimas de discriminação e 12% afirmaram terem sido vítimas de agressão verbal. Vale ressaltar que o número de alunos agredidos é considerável, uma vez que a maioria dos sujeitos já sofreram agressões. Desse modo, destacou-se o pensamento de Silva (2010, p. 138, grifo do autor) ao afirmar que: “educar é fornecer conteúdo e também preparar os jovens para a vida. Dentro desse conceito, é também papel da escola (não só o dos professores, mas de toda a sua equipe) orientar seus alunos [...]”. Assim, é papel da instituição escolar educar o aluno para o social, uma vez que a ação educativa consiste não somente em transmitir conteúdos, mas também em propiciar situações de solidariedade, companheirismo, colaboração e respeito ao outro e a si mesmo. Outro assunto discutido fora em relação à reação dos alunos caso sejam agredidos.

Gráfico 4: Como você reagiria se fosse agredido.

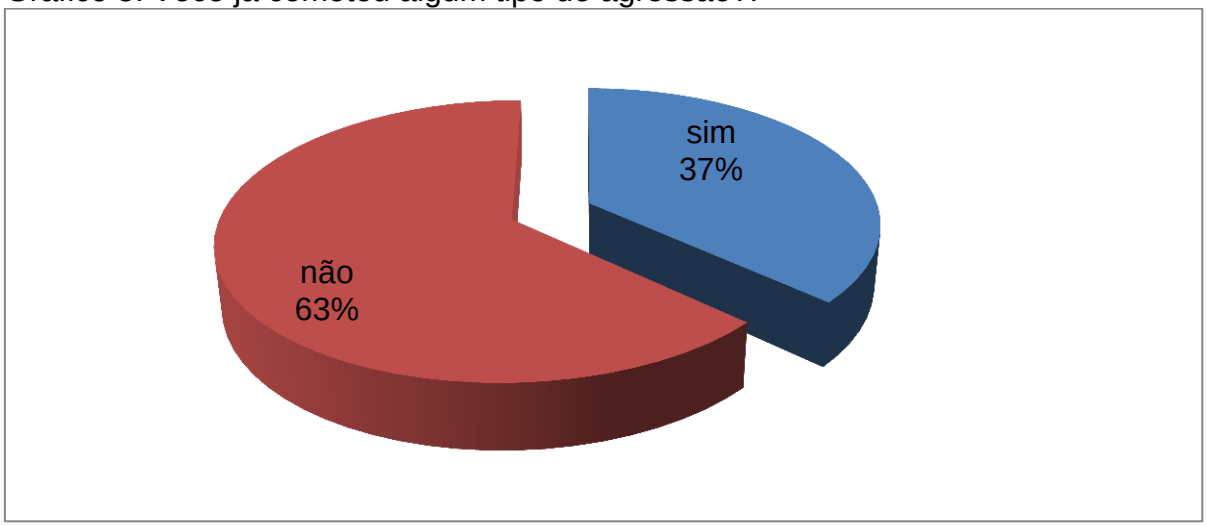


“Pediriam apoio”, aparece em 47% das respostas dos entrevistados, 40% “reagiriam da mesma forma” e 13% “reagiriam com indiferença”. Esse resultado mostra claramente que a maioria dos alunos em pesquisa tomariam atitudes corretas, porém é importante destacar que é relevante o número de alunos que também agiriam com agressão, portanto, julga-se pertinente que a escola discuta com a família, alunos e comunidade em geral ações de combate ao *bullying* dentro do contexto escolar, uma vez que os alunos devem ser orientados a não praticar agressões e a conviver com o outro em harmonia, “Lidar com as diferenças interpessoais constitui um dos maiores desafios que a nossa espécie enfrenta desde que o mundo é mundo” (SILVA, 2010, p. 145). Nesse sentido, é fundamental que a

escola discuta em seu contexto o respeito às diferenças existentes entre um aluno e outro, considerando que 85% deles já sofreram *bullying*.

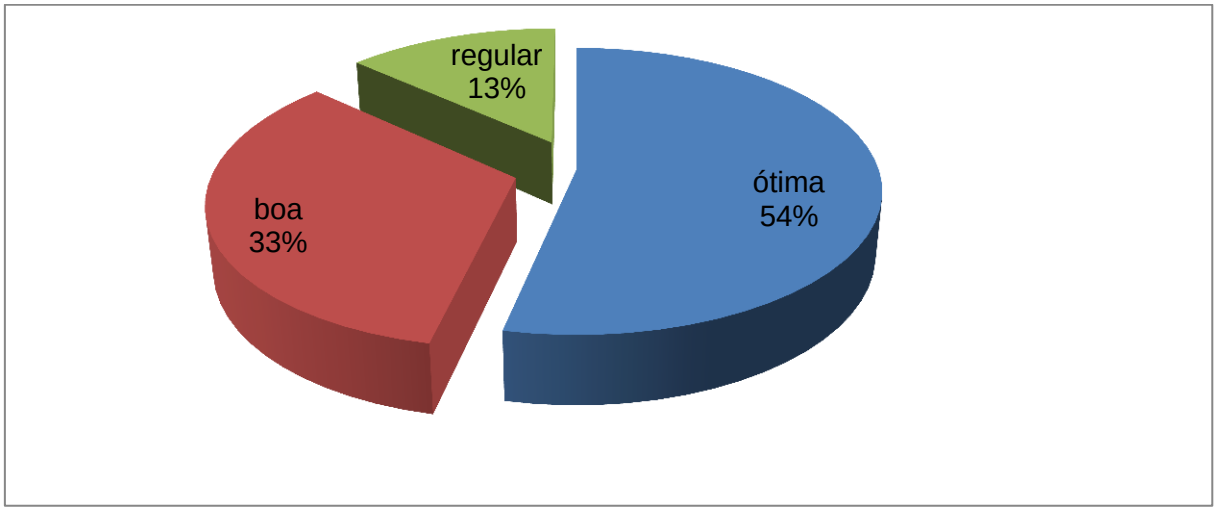
Ao serem questionados sobre o fato de terem cometido algum tipo de agressão, responderam:

Gráfico 5: Você já cometeu algum tipo de agressão?.



Evidenciou-se que 63% dos alunos em pesquisa nunca agrediram seus colegas, enquanto que 37% afirmam que sim, que já agrediram alguns educandos. Destes 37%, vale ressaltar que a escola tem a função de educar seus alunos esclarecendo, prevenindo e ajudando-os a superar tais problemas identificados em seu ambiente.

Gráfico 6: Como é sua relação com sua família?.

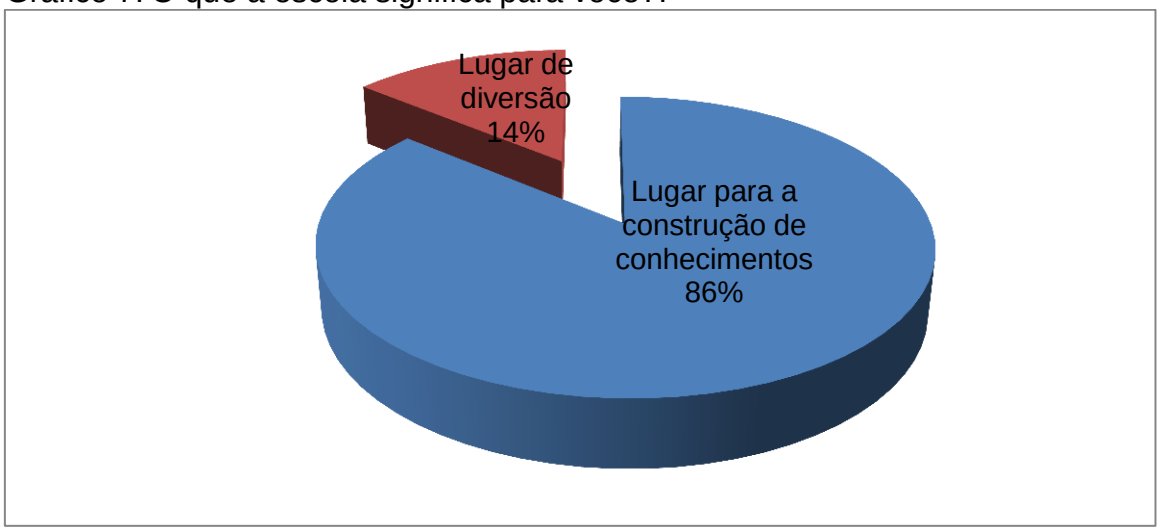


Constatou-se que 54% dos entrevistados têm uma ótima relação com a família, enquanto que 33% afirmaram que possuem uma boa relação familiar e somente 13% considera que a sua relação no seio familiar é regular. Esses

resultados apontam que a maioria dos alunos tem uma relação harmoniosa com suas famílias, o que é fundamental para seu bom desempenho escolar e desenvolvimento pessoal.

Outra questão discutida nesta pesquisa fora a respeito do que a escola significa para os alunos em questão.

Gráfico 7: O que a escola significa para você?.



Dentre os entrevistados, 86% dos alunos afirmaram que a escola é sinônimo de construção de conhecimentos, 14% afirmaram que o ambiente escolar trata-se de um lugar de diversão. O percentual de 86% mostrou que a maioria dos alunos ver a escola como um ambiente em que o educando vivencia situações diferenciadas de aprendizagens e de construção do saber, entretanto, vale destacar que, infelizmente, alguns não levam essa importância tão a sério.

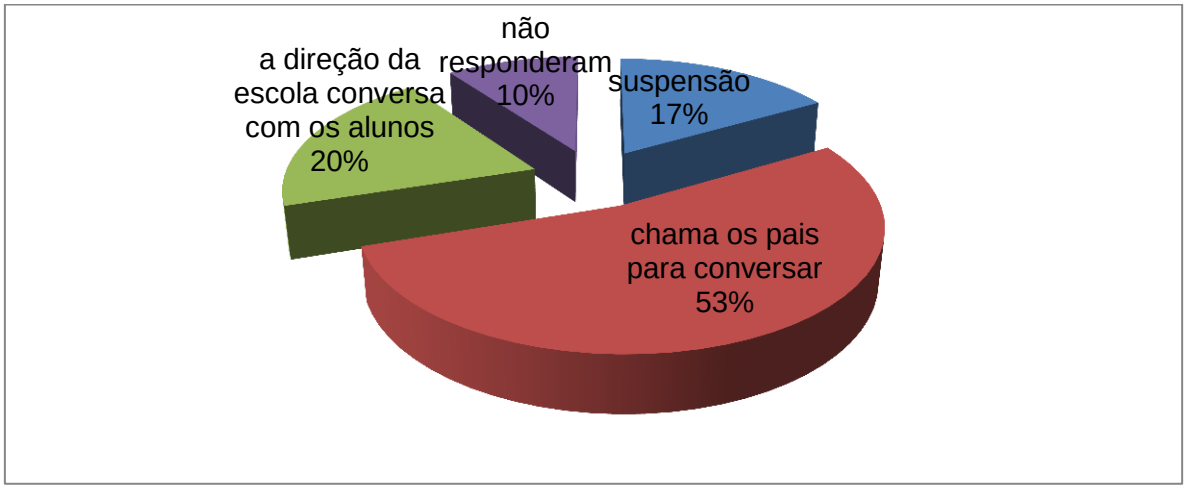
Para Brasil (2001, p. 45):

> A escola, ao tomar para si o objetivo de formar cidadãos capazes de atuar com competência e dignidade na sociedade, buscará eleger, como objeto de ensino, conteúdos que estejam em consonância com as questões sociais que marcam cada momento histórico, cuja aprendizagem e assimilação são as considerações para que os alunos possam exercer seus direitos e deveres.

Compreendeu-se que é papel da escola formar sujeitos capazes de atuar criticamente e ativamente na sociedade, para tanto, cabe a esta desenvolver práticas que estimulem o aluno ao gosto de aprender, trabalhe seus conteúdos relacionando-os com a realidade de seus alunos a fim de que eles se sintam motivados e se desenvolvam como seres iguais em direitos.

Em seguida, procurou-se saber o que a escola faz para resolver os casos de violência ocorridos em seu contexto.

Gráfico 8: O que a escola faz para resolver os casos de violência ocorridos em seu contexto?

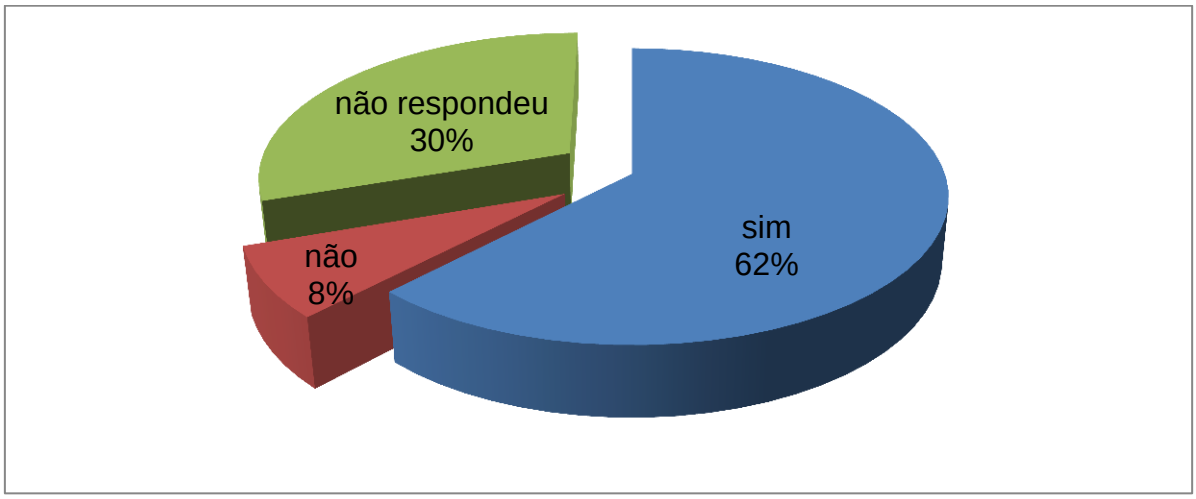


De acordo com as respostas dadas pelos alunos em pesquisa, 53% disseram que o ideal seria chamar os pais para conversar, 20% dos entrevistados afirmaram que a direção da escola conversa com os alunos e 17% responderam que a escola suspende as aulas dos alunos indisciplinados. Apenas 10% não responderam. Um dado interessante é que a maioria dos sujeitos concordaram em dizer que a escola chama as famílias para conversar a respeito do comportamento dos filhos, porém a escola conversa apenas com uma parte desses alunos agressivos, os demais disseram que a escola suspende-os.

Percebeu-se, nesse contexto, uma carência de diálogo entre escola e alunos. Há, nesse sentido, uma fragmentação quanto à comunicação entre ambos. Vale ressaltar que o vínculo com a família é fundamental, pois evidenciou-se que a falta de diálogo entre os envolvidos nesta discussão recai apenas sobre o aluno.

Para finalizar os questionamentos com os alunos, procurou-se saber se a escola valoriza a união e a afetividade entre o corpo discente.

Gráfico 9: A escola valoriza a união e a afetividade entre os alunos?



Por meio das respostas dos alunos, constatou-se que 62% deles concordaram que a escola valoriza o vínculo afetivo entre eles, enquanto que 30% dos entrevistados não souberam responder e apenas 8% disseram não, que a escola não valoriza a afetividade entre os discentes. Compreendeu-se que a afetividade entre escola e aluno é imprescindível para o processo ensino e aprendizagem, pois acredita-se que o vínculo afetivo favorece uma formação pessoal adequada ao convívio social e ao exercício da cidadania.

5.2.3 Análise da entrevista aplicada à família

Para melhor analisar o que pensa a família acerca do fenômeno *bullying*, optou-se pela entrevista, uma vez que estes revelaram não saber ler e escrever convencionalmente. Diante disso, foram feitas 10 (dez) perguntas orais que serão discutidas em forma de tabela e gráficos.

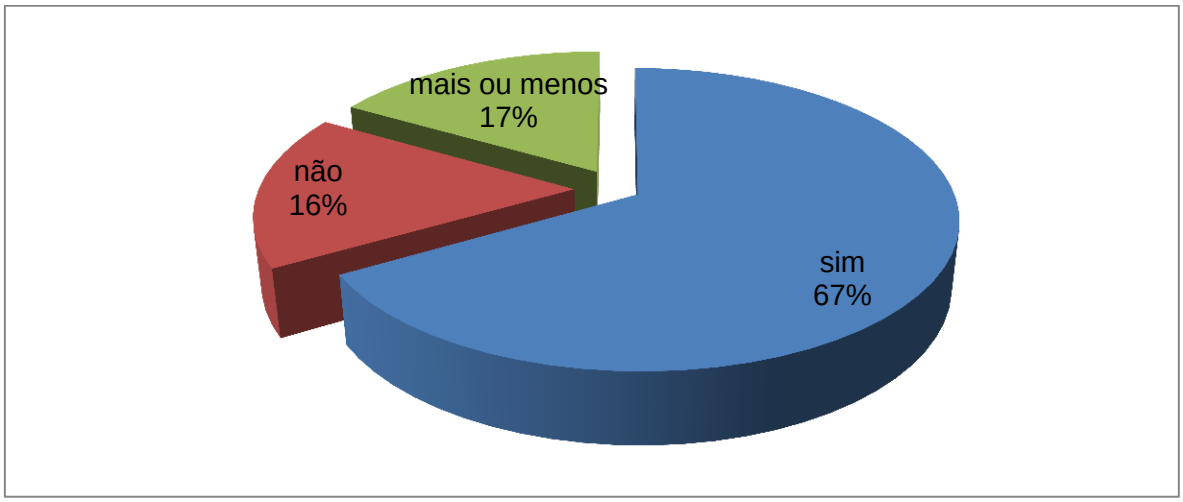
Quanto às famílias, estas, por sua vez, serão identificadas em ordem alfabética, para preservar suas identidades e também por questões éticas.

Quadro 01: Quando o grupo familiar fora questionado sobre seu entendimento acerca do fenômeno *bullying*, responderam:

Família A	Quando uma pessoa xinga e agride outra pessoa.
Família B	Quando uma pessoa xinga, agride e humilha outra pessoa
Família C	Quando uma pessoa violenta outra;
Família D	São atitudes de violência contra as pessoas
Família E	São formas de violência.
Família F	São brigas.

Percebeu-se uma clara compreensão quanto ao conceito acerca do fenômeno em estudo, uma vez que, segundo Eiras (2009), *bullying* são formas de agressões, xingamentos, violências físicas, dentre outras formas de agressões.

Gráfico 10: Você costuma conversar com seus filhos sobre atos violentos?



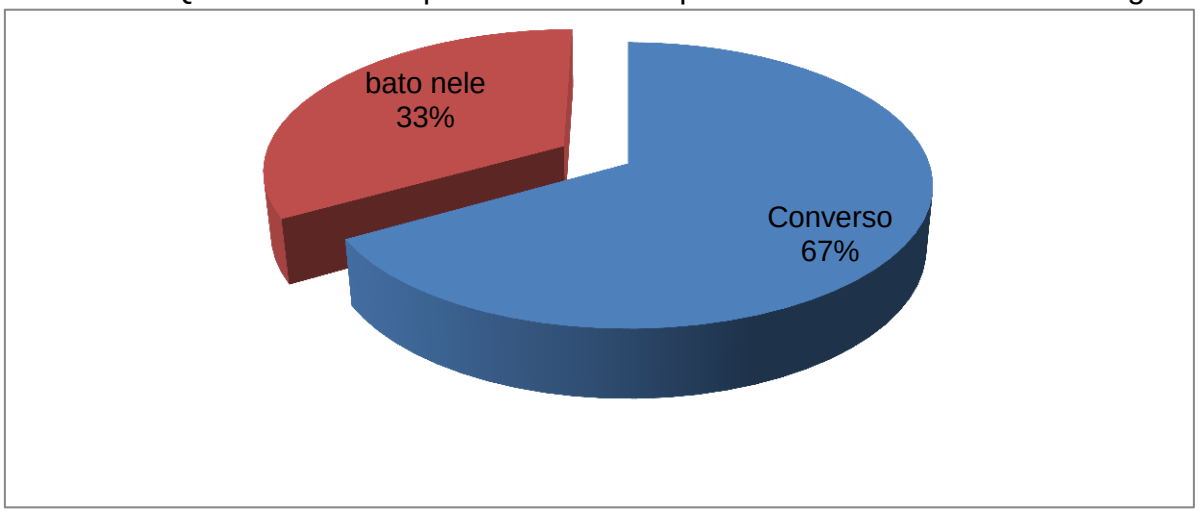
O gráfico acima denota que 67% das famílias entrevistadas costumam conversar com seus filhos sobre atitudes violentas, entretanto, 16% não conversam e 17% conversam “mais ou menos”. Como aponta o gráfico, a maioria das famílias considera o diálogo fundamental. No tocante, a ausência ou pouca conversa entre família e filhos é preocupante, tendo em vista que o mundo tem se tornado, a cada dia, mais violento, dessa forma, julgou-se necessário que a família precisa estabelecer, corriqueiramente, diálogo com seus filhos, pois a ausência dessa prática poderá comprometer o futuro deste indivíduo que encontra-se em formação.

Para Silva (2010, p. 171):

> [...] É imprescindível que os pais encontrem tempo para uma convivência saudável com seus filhos, estabelecendo um diálogo permanente sobre suas vidas, dúvidas, angústias, expectativas e o universo ao seu redor. Cabe aos pais, ainda, nessa troca de ideias com os filhos, reservar um espaço para que, de forma franca e transparente, possam expressar seus sentimentos e pensamentos a respeito deles [...].

Diante disso, percebeu-se o quanto é importante que haja, entre família e filhos, uma relação dialógica. A partir dessa análise, observou-se o quanto é importante o pai retirar um determinado período de seu tempo para conversar com seu filho, pois percebeu-se que devido à correria do dia a dia no mundo do trabalho muitas famílias, estão preocupadas apenas em oferecer conforto à seus filhos e acabam deixando de lado o afeto e a atenção que esta instituição necessita.

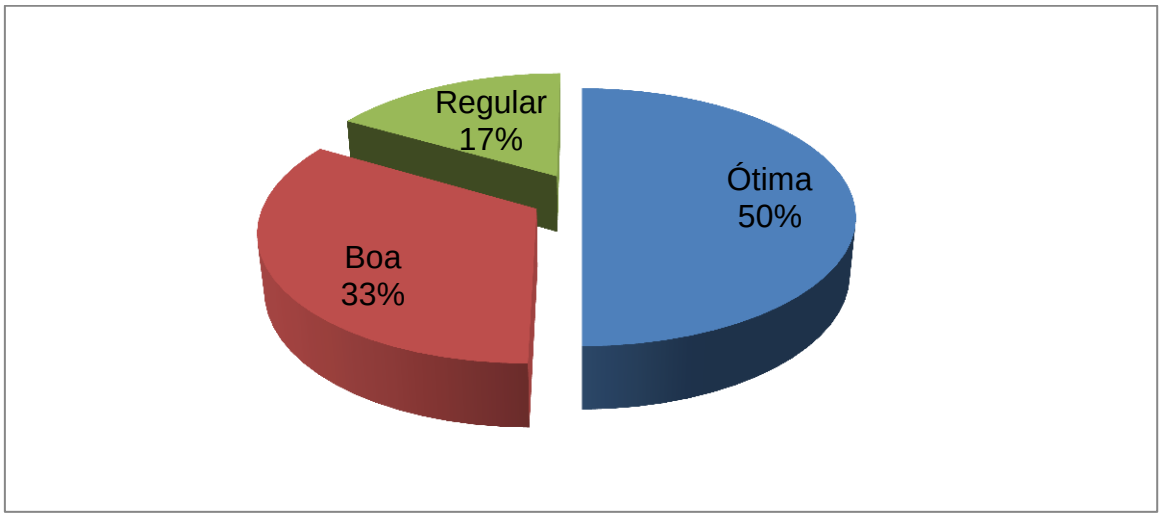
Gráfico 11: Qual sua atitude quando descobre que seu filho se envolveu em brigas?.



Conforme mostra o gráfico acima, 67% das famílias concordaram em conversar com seus filhos quando descobrem que estes se envolveram em brigas, no entanto, 33% afirmaram que tratam também seus filhos com atos violentos quando chegam ao seu conhecimento que estes se envolveram em alguma confusão. De acordo com Silva (2010, p. 172), “[...] antes de repreender os filhos, é preciso ouvi-los com sincera disposição de ajudá-los. Para tanto, é necessário que, desde muito cedo, as famílias reforcem, com palavras e atitudes, os aspectos positivos e os acertos das crianças”.

Assim, é fundamental que as famílias sempre mantenham, com seus filhos, uma relação aberta, que se tornem realmente amigos um do outro para que ambos – família e filho – se sintam seguros nessa relação.

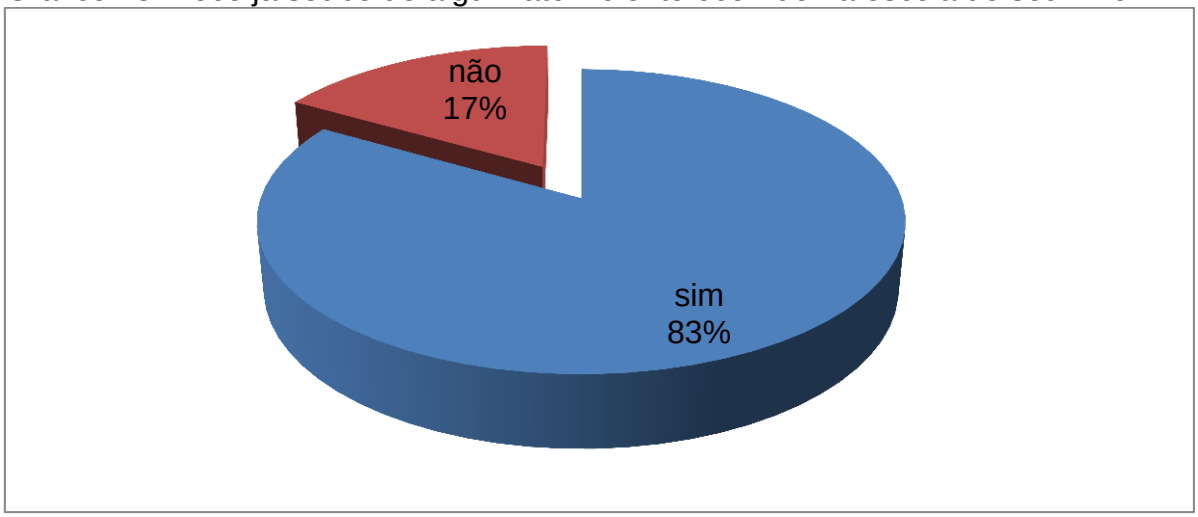
Gráfico 12: Como a família avalia a escola onde seus filhos estudam?



Percebeu-se no gráfico que 50% das famílias entrevistadas consideraram a escola onde os filhos estudam como sendo “ótima”. Isso evidencia que a escola,

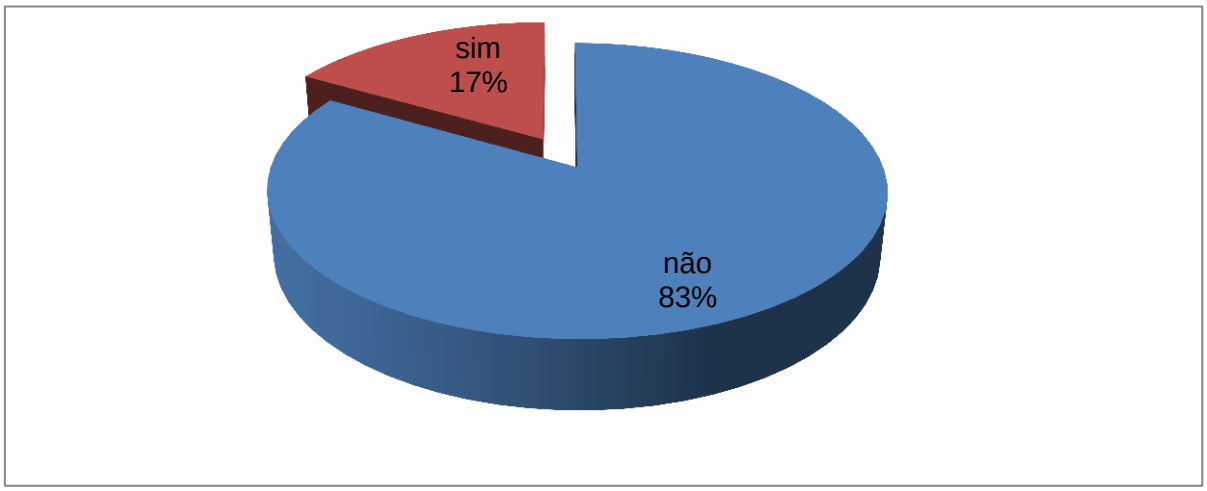
para a maioria das famílias, desempenha bem o seu papel de educadora, porém 33% concordaram em dizer que a escola é boa e 17% a consideram “regular”. Assim, a linha divisória existente entre as respostas apresentadas pelas famílias é intrigante, tendo em vista que a metade das famílias não está satisfeita com a forma de atendimento desta instituição.

Gráfico 13: Você já soube de algum ato violento ocorrido na escola de seu filho?.



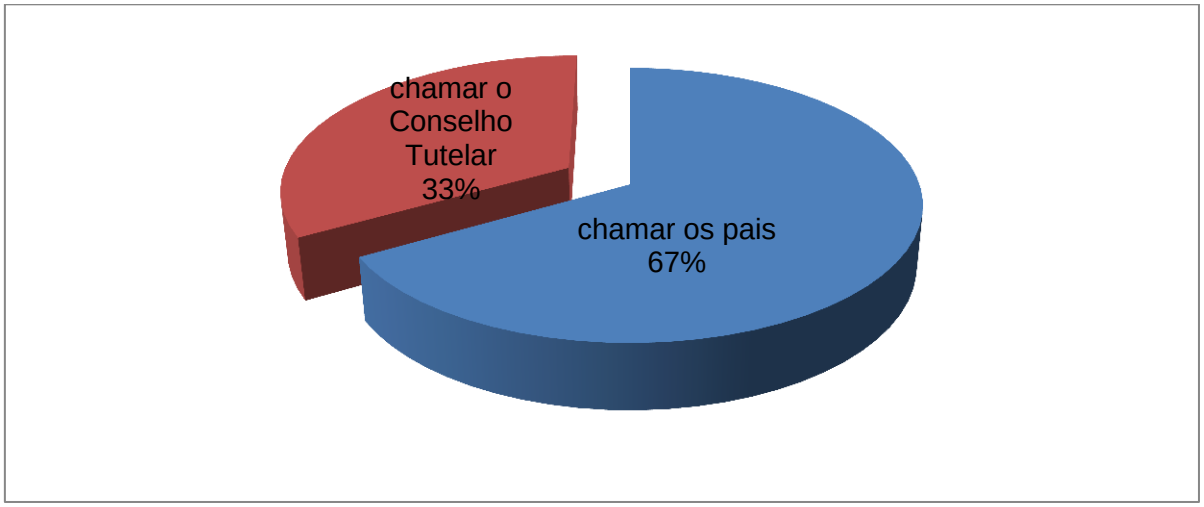
O percentual no que diz respeito a atos violentos ocorridos dentro do contexto escolar é elevado, uma vez que 83% dos relatos afirmam que ocorrem muitas agressões dentro da escola. Enquanto que 17% dos entrevistados disseram não saber de ocorrência de atos violentos na escola. Contudo, salientou-se que a instituição escolar precisa rever sua prática a fim de manter em seu espaço um clima mais agradável para que todos se sintam mais seguros e confiantes. Nesse sentido, é preciso que as escolas primeiramente percebam a existência do fenômeno *bullying* em seu contexto e se conscientize dos danos terríveis que este pode causar no processo de desenvolvimento e aprendizagem dos alunos. (SILVA, 2010).

Gráfico 14: A escola já ofereceu algum tipo de atividade de prevenção a atos violentos?.



Diante do gráfico acima é constatou-se que 83% das famílias afirmam que a escola não oferece nenhuma ação de prevenção ou combate ao fenômeno *bullying*, no entanto 17% responderam que sim, sendo assim não implica dizer que a mesma não se preocupa com esse fenômeno. “[...] As escolas necessitam capacitar seus profissionais para a identificação, o diagnóstico, a intervenção e o encaminhamento adequado de todos os casos ocorridos em sua dependência.” (SILVA, 2010, p. 162). Desse modo, antes de tudo, é preciso que a escola ofereça aos profissionais de educação um preparo adequado para lidar com o problema do *bullying* a fim de que não tomem nenhuma atitude equivocada, considerando que este é um problema e requer certo cuidado.

Gráfico 15: Que atitudes a escola precisa tomar em casos de violência em seu contexto?.



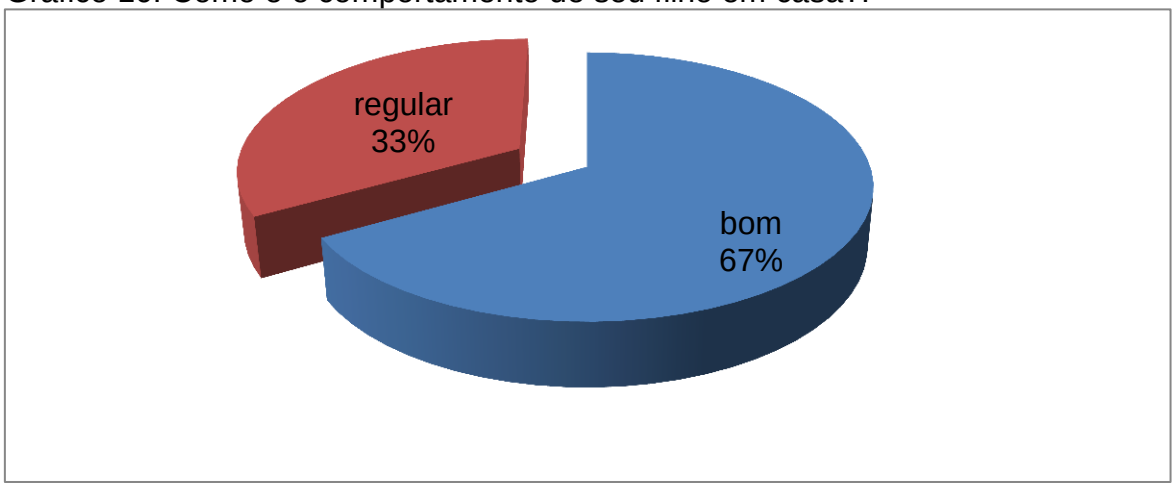
De acordo com o gráfico apresentado, percebeu-se que 67% das famílias preferem que ao acontecer alguma situação de violência na escola, esta lhes

comunique imediatamente para que a família, juntamente com a instituição escolar, possam procurar uma saída para tal problema, entretanto, 33% dos entrevistados concordam que a escola deve imediatamente comunicar o fato ocorrido ao Conselho Tutelar. De acordo com Silva (2010, p. 162),

> [...] As instituições de ensino têm o dever de conduzir o tema a uma discussão ampla, que mobilize toda a sua comunidade (e seu entorno), para que estratégias preventivas e imediatas sejam traçadas e executadas com o claro propósito de enfrentar a situação. Para tanto, é preciso também contar com a colaboração de consultores externos, especializados no tema e habituados a lidar com a questão.

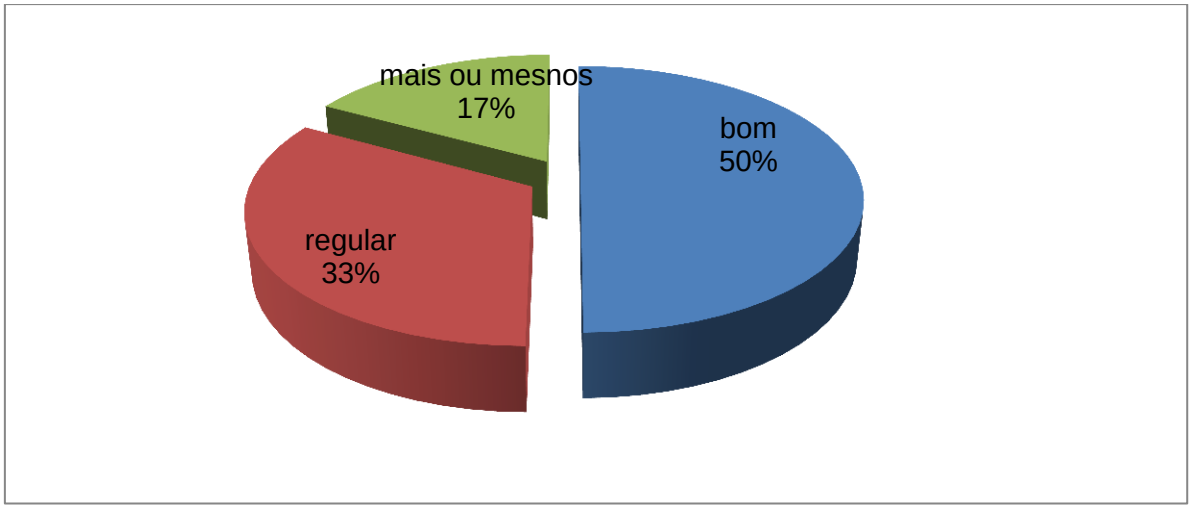
Nesse contexto, os estabelecimentos de ensino precisam discutir com a comunidade interna e externa assuntos relacionados à temática em questão a fim de que juntos possam criar alternativas de prevenção e combate ao fenômeno *bullying*, sem contar que é imprescindível, também, a contribuição de órgãos especializados na questão, como por exemplo, a colaboração do Conselho Tutelar.

Gráfico 16: Como é o comportamento de seu filho em casa?.



O gráfico mostra claramente que 67% das famílias afirmaram que seus filhos, apresentam um bom comportamento em casa e 33% relataram que apresentam comportamento regular. Percebeu-se, com esses relatos, que a maioria dos filhos das famílias entrevistadas apresenta uma boa convivência no ambiente familiar.

Gráfico 17: Como é o comportamento de seu filho na escola?



O percentual afirmativo de 50% mostra que as famílias consideram que seus filhos têm um bom comportamento na escola, 33% concordaram que seus comportamentos são regulares e 17% afirmaram que seus filhos se comportam na escola de maneira “mais ou menos”, o que entra em contradição com a primeira questão aplicada aos alunos que responderam que 85% deles já sofreram *bullying*, tendo em vista que, se 85% já sofreram *bullying*, em contrapartida tem muitos agressores na escola e muitas crianças com mau comportamento.

Quadro 2: Sobre o que a escola representa para as famílias, responderam:

Família A	Um bom lugar, um lugar de aprendizagem.
Família B	Um lugar de um bom futuro para meus filhos.
Família C	Lugar que educa.
Família D	Um lugar que educa as pessoas.
Família E	Um lugar de aprendizagem.
Família F	Lugar de aprendizagem.

O quadro apresenta categoricamente que as famílias têm clara compreensão o que diz respeito o espaço escolar. Sob essa perspectiva, a escola precisa integrar ações que valorizem as características individuais de cada sujeito apoiadas em técnicas conscientes de respeito ao próximo possibilitando-os uma convivência social saudável. Segundo Fante (2010), a instituição escolar tem um papel importante na redução de violência na escola através de atos e projetos de prevenção em parceria com todos os envolvidos no processo educativo. Assim, a seguir, algumas considerações acerca do assunto discutido.

6 CONCLUSÃO

Esse estudo teve como objetivo principal investigar o fenômeno *Bullying* no âmbito da instituição escolar e suas sérias implicações no processo de ensino e de aprendizagem.

Evidenciou-se que na escola campo acontecem vários conflitos e, na maioria das vezes, ocorrem sem que a própria instituição tenha conhecimento de tais fatos.

A ausência de programas de prevenção e discussões sobre o assunto *bullying* entre a família, professores, escola e alunos faz com que alguns alunos tenham atitudes violentas, considerando que o comportamento agressivo destes e a falta de respeito são frequentes em sala de aula.

Verificou-se ainda que a escola e a família precisam ter um vínculo mais próximo, pois esta relação é um fator que favorece significativamente o bom desempenho do aluno.

Ratificou-se ainda que a família reconhece a falta de atividades de prevenção a atos violentos, pois a maioria dos alunos já sofreu agressões dentro do ambiente escolar.

Constatou-se que o *bullying* é um problema inquietante dentro do ambiente escolar, pois gera consequências muito sérias, tanto para as vítimas quanto para os atacantes, e além do mais, não somente a escola se preocupa com esta situação, mas também a família, uma vez que a incidência de casos violentos dentro das escolas do país crescem a cada dia.

Portanto, é necessário que a escola, juntamente com todos os seus segmentos educacionais, pensem e repensem maneiras de prevenir e combater o *bullying* em seu espaço, como:

- Preparar todos os profissionais que compõem a escola campo, de maneira mais específica, o professor, para lidarem com situações que envolvam o fenômeno em análise;
- Criar um espaço escolar mais humanizado e dinâmico para que os alunos possam interagir, entre si, de maneira mais saudável;
- Promover atividades lúdicas diversificadas de modo a afastar atitudes de agressões;

- Realizar encontros e palestras, peça apoio para outros profissionais competentes no assunto, para dar suporte na comunicação de informações aos discentes, famílias e educadores, acerca de como identificar algum problema e intervir sobre este, considerando que a informação é peça fundamental nesse processo.

A partir dessas posturas espera-se que a escola promova uma boa convivência e solidariedade em seu contexto, do mesmo modo em que poderá refletir acerca de uma instituição em que os alunos poderão conviver em harmonia na relação e na interação com outros sujeitos.

É preciso, ainda, que haja uma sensibilização em relação à questão do fenômeno *bullying*. Os professores e a escola como um todo precisam ficar atentos às condutas e desempenhos de seus alunos para identificar eventuais problemas relacionados a este fenômeno, pois quando o mesmo é identificado precocemente no contexto da sala de aula os professores podem auxiliar as vítimas por meio do diálogo ou mesmo encaminhá-los a um profissional especializado no assunto. A escola precisa ensinar seus alunos a ter boas condutas e respeitar o próximo e jamais permitir atitudes desrespeitosas.

Assim, sem o anseio de esgotar as discussões acerca da temática em questão, esta pesquisa ofereceu o escopo de compreender o que refletem o gestor, educador, famílias e alunos sobre o fenômeno *bullying*, assim como as maneiras de combater tal problema existente no espaço escolar.

REFERÊNCIAS

ALBINO, Priscilla Linhares**. Considerações críticas sobre o fenômeno do *bullying*:** do conceito ao combate à prevenção. Disponível em: <http://portal.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/18_03_2010_15.21.10.2af5ca0c78153b8b4a47993d66a51436.pdf>. Acesso em: 12 de jun. de 2014.

ARAÚJO, Ilze Arduini; NUNES, Silma Carmo.**Possibilidades de intervenção e combate ao fenômeno *bullying* escolar.** Disponível em: <http://catolicaonline.com.br/revistadacatolica2/artigosv2n3/28-Pos-Graduacao.pdf>. Acesso em: 03 de jun. de 2014.

BRASIL. Ministério da Educação**. Estatuto da criança e do adolescente**. 7 ed., Brasília: Câmara dos Deputados, 2010a.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Introdução. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental. 2001.

_____. [Lei Darcy Ribeiro (1996)]. **LDB:** Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional [recurso eletrônico]. 8 ed., Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010b.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nos 1/1992 a 68/2011, pelo Decreto Legislativo nº 186/2008 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/1994. 35 ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013.

BASTOS, Luiza Burlamaqui. **Psicologia e violência escolar:** contribuições para oenfrentamentodofenômeno. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/732_866.pdf.> Acesso em: 15 de jun. de 2014.

CARVALHO, Luana Patrícia; RODRIGUES, Erinaldo Reinaldo. **A Indisciplina na escola:** causas e diferentes manifestações. Disponível em: <http://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/a_indisciplina_na_escola_0.pdf>. Acesso em 25 de jul. de 2014.

CHAPADINHA. Secretaria Municipal de Educação. **Projeto- Político –Pedagógico:** Unidade Integrada Presidente José Sarney. Chapadinha: SMED, 2010.

CHAVES, Karina Coelho; CARVALHO, Valéria Carmen Mazzoni Souza de; CUNHA, Sther Mendes. ***Bullying* escolar, questão social e serviço social:** alguns apontamentos para o debate. Disponível em: <http://www.cress-mg.org.br/arquivos/simposio/*BULLYING*%20ESCOLAR,%20QUEST%C3%83O%20SOCIAL%20E%20SERVI%C3%87O%20SOCIAL%20alguns%20apontamentos%20para%20o%20debate.pdf>. Acesso em: 20 de Jul. de 2014.

CERVO, Amado Luís. **Metodologia científica**. 5 ed., São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CARREIRA, Debora Bianca Xavier. **Violência nas escolas:** qual é o papel da gestão.Disponível em: <https://www.ucb.br/sites/100/127/documentos/artigo13.doc>. Acesso em: 24 de Maio de 2014.

COSTA, Thécia Pontes. **A função do educador físico no enfrentamento do fenômeno *bullying* no âmbito escolar** Disponível em: <http://www.seer.perspectivasonline.com.br/index.php/biologicas>. Acesso em 20 de Maio de 2014.

EIRAS, Cátia Virginha da Cruz. Fenômeno do *Bullying* no Contexto Escolar. Psicologia. <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0225.pdf>. acesso em 25 de Maio de 2014.

FANTE, Cléo. ***Bullying* no ambiente escolar**. Disponível em: <http://inov.org.br/site/artigos/9.pdf>. Acesso em 12 de Jul.de 2014.

_____. **Programa de enfrentamento ao *Bullying* no ambiente escolar:** campanha Aprender sem medo 1a. impressão. 6.000 exemplares. Plan Brasil. São Luis, MA: Fábrika Comunicação Impressão, 2010.

FISCHER, Rosa Maria. ***Bullying* escolar final**. Disponível em: <http://www.promenino.org.br/portals/0/pesquisa*bullying*.pdf>. Acesso em: 22 Maio de 2014.

GOMES, Marcelo Magalhães. **O *bullying* escolar no Brasil** <http://meuartigo.brasilescola.com/educacao/o-bullying-escolar-no-brasil.htm>. Acesso em: 20 de Jul. de 2014.

IDALGO, Manoel de Oliveira. ***Bullying* escolar e educação.** Disponível em: <http://www.uel.br/grupoestudo/gaes/pages/arquivos/MANOEL%20HIDALGO%20artigo%20%20GT%2002%20-%20SECAO%2002.pdf>. Acesso em: 20 de jul. de 2014.

IBGE. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php>. Acesso em: 20 de Jul. de 2014.

LIMA, Jorge dos Santos; LUCEMA, Francisco Carlos de. **O *bullying* e suas inplicações no processo de ensino-aprendizagem:** procedimentos para o descomprometimento do cidadão com o social <http://www.iseseduca.com.br/pdf/revista4/bulling2.pdf>. Acesso em: 22 de jun. de 2014.

Mapa de localização do Município de Chapadinha-Ma. Disponível em: <https://www.google.com.br/images?q=%22mapa+de+chapadinha+ma+no+ibge%22&hl=pt&gbv=2&sa=X&oi=image_result_group&ei=7o3qU5bOC6TMsQT2_oCoBA&ved=0CDcQsAQ> Acesso em: 22 de Maio 2014.

MENESES, André Ferreira de. BRANCO, Maria de Fátima F. Castelo Estudo sobre o fenomeno bullying e sua repercussões socio educacionais http://www.ufpe.br/ce/images/Graduacao_pedagogia/pdf/2009.1/estudo%20sobre%20o%20fenmeno%20bullying%20e%20suas%20repercusses%20scio-e.pdf.

MENEGOTTO, Lisiane Machado de Oliveira; PASINI, Audri Inês; LEVANDOWSKI, Gabriel**. O *bullying* escolar no Brasil:** uma revisão de artigos científicos. Disponível em: <http://www.ufpe.br/editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/download>. Acesso em: 30 de Maio de 2014.

LISBOA, Carolina Luiza de Lima; BRAGA, Guilherme Ebert. **O fenômeno bullying ou vitimização entre pares na atualidade:** definições, formas de manifestação e possibilidades de intervenção. Disponível em: <http://www.contextosclinicos.unisinos.br/pdf/61.pdf>. Acesso em: 22 de Jun. de 2014.

MOREIRA, Dirceu. **Transtorno do assédio moral bullying:** a violência silenciosa. Rio de Janeiro: Wak editora, 2010.

RAMOS, Ana Karina Sartori. ***Bullying*:** A violência tolerada na escola. <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/p de/arquivos/802-4.pdf>. Acesso em 26/03/2014.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. ***Bullying***: **mentes perigosas nas Escolas.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SOUSA, Pedro Miguel Lopes de. **Agressividade em contexto escola**r. Disponível em: .<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0261.pdf>. Acesso em: 23 de jun. de 2014.

SOUZA, Christiane Pantoja de; ALMEIDA, Léo César Parente de. ***Bullying* em ambiente escolar. Disponível em:** <http://www.conhecer.org.br/enciclop/conbras1/bullying.pdf>. Acesso em: 22 de Maio 2014.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Indisciplina e Disciplina Escolar**. São Paulo: Cortez, 2001.

APÊNCIES

APÊNDICE A: Questionário direcionado ao gestor e ao professor

1- Qual sua formação?

2- Há quanto tempo trabalha nesta instituição?

3- O que você entende por *bullying*?

4- Você já sofreu algum tipo de agressão ou ameaça de alunos? E seus alunos já sofreram algum tipo de ameaça ou agressão?

5- Consegue identificar casos de *bullying* entre seus alunos?

6- O que fazer ao presenciar uma situação violenta de *bullying* no contexto da sala de aula?

7- Existe nesta escola algum programa de combate ao *bullying*?

8- Como você avalia o papel do educador ao combate ao *bullying*?

9- Você costuma conversar com a família dos alunos sobre atos violentos?

10- A escola oferece algum tipo de atividade com a participação da comunidade? Qual?

11-Você já realizou algum tipo de atividade para combater o *bullying*?

12- Que tipo de intervenção você acredita ser eficiente para combater o *bullying*?

13- Existe interação e cooperação entre família e professores de modo a proporcionar o respeito às diferenças de cada criança?

12 - De que maneira o *bullying* prejudica a aprendizagem dos alunos?

APÊNDICE B: Questionário direcionado aos alunos

1- Você já sofreu *bullying*?

( ) sim

( ) não

2- Você já se sentiu excluído?

( ) sim

( ) não

3- Qual o tipo de agressão você já sofreu?

( ) discriminação;

( ) verbal;

( ) física

4 -Como você reagiria se fosse agredido?

( ) indiferença;

( ) pediria apoio;

( ) reagiria da mesma maneira

5- Você, já cometeu algum tipo de agressão?

( ) sim

( ) não

Qual?_____

6- Como é sua relação com a sua família?

( ) ótima;

( ) boa;

( ) regular;

7- O que a escola significa para você?

( ) lugar para a construção de conhecimentos;

( ) lugar de diversão;

8- O que a escola faz para resolver os casos de violência ocorridos em seu contexto?

( ) a direção conversa com os alunos;

( ) não responderam;

( ) suspensão;

( ) chama os pais para conversar.

9- A escola valoriza a união e a afetividade entre os alunos?

( ) sim

( ) não

( ) não responderam

APENDÊCE C: Questionário direcionado à família

1-O que você entende por *bullying*?

2-Você costuma conversar com seus filhos sobre atos violentos?

( ) sim;

( ) não;

( ) mais ou menos

3-Qual sua atitude quando descobre que seu filho se envolveu em brigas?

( ) converso

(.) bato

4-Como você avalia a escola onde seu filho estuda?

(..) boa;

(.) regular;

(..) mais ou menos.

5-Você já soube de algum fato violento ocorrido na escola em que seu filho estuda?

( ) sim;

( ) não.

6-A escola já ofereceu algum tipo de atividade de prevenção a atos violentos?

(.) sim;

( ) não.

7-Que atitudes a escola precisa tomar em casos de violência em seu contexto?

( ) chamar os pais

( ) chamar o conselho tutelar

8-Como é o comportamento do seu filho em casa?

( ) bom;

( ) regular.

9-Como é o comportamento do seu filho na escola?

( ) bom;

( ) regular;

( ) mais ou menos.

10-O que a escola representa para você?